

MINCHÁ e ARVIT

com tradução e transliteração

Com as leis de assistência aos
enfermos e do luto judaico.



Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo

Ajudando a manter acesa a chama da comunidade.

ב"ה

MINCHÁ e ARVIT

com tradução e transliteração

**COM AS LEIS
DE ASSISTÊNCIA
AOS ENFERMOS
E DO LUTO JUDAICO**

Organização, compilação e edição

JAIRO FRIDLIN

Edição Especial da



Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo

Elul 5766 / Setembro 2006

Mensagem

Como já é de sua tradição, a **Chevra Kadisha** disponibiliza aos integrantes do *ishuv* este livro contendo as orações completas de *Minchá* e *Arvit*, que devem ser recitadas pelos enlutados. Nele também constam as leis de assistência aos enfermos e do luto judaico.

Há 83 anos a **Chevra Kadisha**, sociedade sagrada do judaísmo, pratica o *Kibud há' met*, respeito pelos mortos, cuidando dos nossos cemitérios e preservando a dignidade daqueles que já se foram.

Para tanto, a instituição conta com a colaboração da comunidade através do pagamento da taxa de manutenção mensal ou da recentemente estabelecida quitação definitiva. É uma contribuição que reafirma a lembrança permanente dos que partiram na memória fraterna dos familiares e amigos, e que, além de garantir o bom funcionamento e a infra-estrutura dos campos-santos de Vila Mariana, Cubatão, Butantã e Embu, permite à **Chevra** colaborar com outras meritórias entidades da comunidade, como escolas, sinagogas, instituições filantrópicas e centros de convivência e de conservação da cultura judaica.

Assim, podemos manter e reforçar os laços do judaísmo, sem jamais descuidar desses valiosos patrimônios históricos da comunidade judaica de São Paulo e dos preceitos religiosos fundamentais no que se refere aos rituais sagrados.

José Meiches, presidente

Inverno, 2006

Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo

CHEVRA KADISHA

Diretoria Executiva – Gestão 2005-2007

Presidente: José Meiches **1º Vice-Presidente:** Artur Bielawski
2º Vice-Presidente: Marcos Karniol **3º Vice-Presidente:** Rubens I. Muszkat **Diretor Secretário:** Claudio R. Hirschheimer **Primeiro Secretário:** Roberto Gheler **Diretor Tesoureiro:** Szloma Zatyko
Primeiro Tesoureiro: Luiz Gornstein **Diretor de Patrimônio:** Leib Grinspun **Vice-Diretor de Patrimônio:** Jayme Melsohn
Diretores Vogais: Bernardo Parnes, David Klüger, Jacob Werebe, Oscar Windmuller e Simon Abuhab
Assessores da Presidência: Arthur Aizemberg e Majer Chil Kochen

Conselho Deliberativo

Presidente: Mario Black **Vice-Presidente:** Arthur Cogan
Secretário: Ricardo Luiz Becker
Conselheiros: Alexandre Steinberg, Arthur Aizemberg, Barbara Regina Lerner, Bernardo Parnes, Boris Ber, Carlos Eduardo Lerner, Célia Kochen Parnes, Clara Brenner, Clara Kochen, Dora Lucia Brenner, David Klüger, Dora Lucia Brenner, Eduardo Brenner, Elias Aronis, Hélio Zylberstajn, Henrique Brenner, Henrique Kracochansky, Henrique Sznelwar, Isaias Steinberg, Israel Schachnik, Jacques Goldfinger, Jacques Gandelman Lerner, João Goldenstein, Jorge Feffer, José Schechtmann, Liana Gandelman Becker, Luiz Roberto Hirschheimer, Luiz Serman, Majer Chil Kochen, Marco Gandelman, Matheus Ajzenberg, Mauro Lerner Sereno, Menache Haskel, Milton Kochen, Miriam Violeta Kochen Klüger, Olga Maktas Meiches, Oscar Windmuller, Paulo Kauffmann, Rebeca Hirszburg Karniol, Rubin Herscovici, Simon Abuhab, Susana Irene Steinberg, Thomas Frank Tichauer, Tobias Szyliet e Valéria Kochen Bain

Conselho Fiscal

Wolfgang Schoeps (Coordenador), Mendel Ruhman, Moshe Bain, Gerhard I. Steinberg (Suplente) e Menache Haskel (Suplente)

ÍNDICE

Minchá e Arvit

Ashrê	12
Shemá Yisrael	15
Amidá	20
Alênu	35
Ledavid Adonai ori	37
Lamenatsêach livnê côrach	38
Sefirat Haomer	39

Breve Resumo das Leis de Assistência aos Enfermos

Com a alma	48
Com o corpo	50
Com as posses	52
Bênção Hagomel	52

Breve Resumo das Leis de Luto Judaicas

Prefácio	55
Introdução - Morte e Luto	56
Sobre quem se observa o luto	57
Antes do falecimento	57
Após o falecimento	58
Preparação do corpo	59
Autópsia	60
Doação de órgãos	61
Cremação	61
Suicídio	62
Antes do Sepultamento	62
Velório	63
Chegada ao Cemitério	64
Keriá	65
Cerimônia fúnebre	66

Enterro	67
Saída do cemitério	70
Os 3 Períodos de Luto	70
Shivá	71
Cadish	74
Quem deve recitar o Cadish	74
Até quando recita-se Cadish	76
Forma de recitar	77
Proibições durante a Shivá	78
Shabat dentro da Shivá	81
Confortar os enlutados	82
Término da Shivá	83
Sheloshim	85
Avelut (12meses)	86
Matsevá	89
Iortseit	90
Visitas ao cemitério	93
Cohen	95
Preces Rememorativas	95
El Malê Rachamim	96
Yizcor	97
Notícia com atraso	98
Interrupção do luto	99

Salmos	102
---------------------	-----

Preces Rememortivas

Tsiduc Hadin	125
Cadish Dehu Atid	127
El Male Rachamim	128
Yizcor	129
Cadish latome Derabanan	130

Bibliografia

Em Português:

1. Ner Lehaim, Rabino Isaac Dichi, Congregação Mekor Haim, 1989.
2. O Ser Judeu - Guia para a observância judaica na vida contemporânea, Rabino Hayim Halevy Donin, tradução de Rafael Fisch, Departamento de Educação e Cultura Religiosa para a Diáspora da Organização Sionista Mundial, 1985, Jerusalém.
3. SidurTefillat Matzliah, Rabino Meir Matzliah Melamed, Gráfica Danúbio, 4ª edição, 1980, Rio de Janeiro.
4. Sidur da Semana - com Tradução e Transliteração, Jairo Fridlin, Nova Stella Ed., 2ª edição, 1992, São Paulo.

Em Hebraico:

5. Sefer Penê Baruch, Rabino Chayim Biniamin Goldberg, edição do autor, 1986, Jerusalém.
6. Kitsur Shulchan Aruch, Rabino Shelomo Gantsfrid, Mossad Harav Kuk, 1974, Jerusalém.
7. Sefer Or Meir, Rabino lehoshua Werker, in "Sidur Minchat Ierushaláyim" do Rabino Y.A. Dvorkes, 1972, Jerusalém.
8. Sefer Taamê Hamin'haguim Umecorê Hadinin, Rabino A.I. Schperling, "Eshkol" Ltd., 1982, Jerusalém.
9. Apanhado de Leis baseado no "Sefer Yicarê Dechaie - Hilchot Bicur Cholim", in El Hamecorot 3, Tenuat El Hamecorot, 1989, Benê Berac.
10. The ArtScroll Tehilim, translated by Rabbi Hillel Danziger, Mesorah Publications Ltd., First Edition, 1988, Brooklyn, N.Y.

Agradecimentos

Rabino Isaac Dichi
Rabino lehoshua (Schie) Pasternak
Rabino Shmul Osher Begun
Prof. Abrão Bernardo Zweiman
Ruben Paz
Vitor Fridlin
Ivo Koschland
Sheila L. Fridlin

Supervisão: Rabino Elyahu Baruch Valt

Notas para o leitor

I. Transliteração: com a finalidade de simplificar ao máximo, adotou-se o seguinte sistema para representar os caracteres hebraicos por caracteres correspondentes em português:

ג GUIMEL = **G**, porém diante das vogais “e” e “i”: **GUE** e **GUI**

ה HE = **H**, tanto no início como no meio da palavra, e deve ser pronunciado aspiradamente como “half”, em inglês.

כ CHAF

ח CHET = **CH**, sem distinção, devendo ser pronunciado de forma gutural, como a palavra “carro” ou o “J” em espanhol (exceção feita à palavra “Hazan”)

ר RESH = **R**, pronunciado sempre como a palavra “caro”, tanto no meio, como no início ou fim da palavra.

ק CAF

ק e CUF = **C**, sem distinção; porém diante das vogais “e” e “i”: **KE** e **KI**.

ס SAMECH

ש e SIN = **S**, sempre que estiver no início da palavra, ou precedido, ou seguido, de consoante;
SS, quando estiver entre duas vogais.

שׁ SHIN = **SH**, devendo ser pronunciado como a palavra “show”, em inglês.

צ TSADIC = **TS**

- A função do apóstrofe (') é somente de separar duas sílabas e facilitar a leitura.
- A consoante **lud** (ל) e a vogal **chiric** (י) foram transliteradas por **I**, exceto nos casos em que a **lud** vem acompanhada de **chiric** (e não ao contrário) sendo, pois, a transliteração **VI** (exemplo: Yisrael).
- A consoante **lud** (ל), quando desempenhando a função de ligação entre substantivo e adjetivo, não é pronunciada (ex.: talmidê chachamin).

● A vogal **shevá** (:) foi transliterada como E nos seguintes casos:

- quando no início da palavra (ex.: shemá)
- quando segunda numa sequência de **shevá**. (ex.: nafshechá)
- quando em letras com **daguesh**. (ex.: hadevarim)

Em alguns casos, a **shevá** foi transliterada por E, embora não como sílaba tônica, e isto para facilitar a leitura e evitar o uso indiscriminado do apóstrofe (ex.: levavechá).

II - Sinalizações no texto hebraico

- א קמץ רחב. Vogal A
- ו קמץ קטן־חטוף. Vogal O
- ם הטעמה מלרע. Acentuação oxítone
- < הטעמה מלעיל. Acentuação paroxítone
- () סימן לתוספת: במקרים מסוימים מוסיפים את מה שנמצא בסוגריים. Acréscimo
- // — סימן להחלפה: במקרים מסוימים אומרים את הכתוב בסוגריים אלה במקום הכתוב מחוץ להן. Substituições
- : — (נקודתיים עגולות) לפני דיבור ישיר (מובאה). “Dois pontos” antes de citação.
- : — (נקודתיים מעוינות) בסוף פסוק שבמקרא. Finalização do versículo.

III - Sinalizações no texto em letras latinas:

► o texto continua, ou a continuação.

* finalização cantada em voz alta pelo Hazan.

() acréscimos / / substituições

לקט דיני בקור חולים

**BREVE RESUMO DAS
LEIS DE ASSISTÊNCIA
AOS ENFERMOS**

Compilação e edição

Jairo Fridlin

“Após o Eterno, vosso Deus, andareis” – Pergunta o Talmud: será, porventura, possível a qualquer pessoa andar “após” Deus?! Isto significa, na realidade, seguir Seus atributos: conforme Ele veste os que não têm roupa, vós também os vestireis; conforme Ele visita e assiste aos enfermos, vós também os visitareis e assistireis.”

(Talmud Babilônico, Tratado de Sotá, 14)

É uma mitsvá visitar uma pessoa doente, seja ela parente ou não, homem ou mulher, rica ou pobre, maior ou menor em idade, respeito ou importância, religiosa ou não, judia ou não.

Este preceito aprendemos diretamente de Deus que, segundo nossos Sábios, veio visitar o patriarca Abraão, quando este convalescia de seu Berit Milá (**Gênesis 15,1**).

A visita a um doente deve ser feita de três formas: com a **alma**, com o **corpo** e com as **posses**.

COM A ALMA

Com a **Alma** significa elevar sua moral, incentivá-lo e fazê-lo resignar-se a esta provação, e rezar a Deus por seu pronto restabelecimento.

Pode-se visitar um doente muitas vezes por dia; o visitante deve entrar em seu quarto com alegria, pois o coração e os olhos deste estão atentos ao visitante. Da mesma forma, deve-se contar a ele coisas que alegrem seu coração e espireçam seu espírito, a fim de afastar sua mente de sua doença. Deve-se falar pouco e com voz baixa, pois a maioria dos que sofrem preferem a tranquilidade.

Com relação a rezar por ele, costuma-se ler os Salmos 6, 20, 25, 30, 32, 38, 41, 51, 86, 91, 102, 103, 107, 116, 118, 130, 139 e 142, ou alguns destes.

Ao término de uma visita, é costume desejar ao enfermo “cura completa” (**Refuá shelema**) e dizer:

המקום ירחם עליך / ונקמה: עליך / בתוך שאר חולי ישראל.

Hamacom ierachem alêcha /**feminino**: aláyich/ betoch shear cholê Yisrael.

HAMACOM - *Que Deus tenha misericórdia de ti, dentre todos os enfermos de Israel.*

No Shabat/ ou no lom Tov /, ao sair, diz-se:

שַׁבָּת הִיא / בֵּינֵי כֹב יוֹם טוֹב הוּא / מְלוּעוֹק וּרְפוּאָה קְרוּבָה לְבוֹא.

Shabat hi / ou lom Tov hu / miliz'oc urefua kerová lavô.

SHABAT - O *Shabat* / ou *lom Tov* / dispensa toda oração e a cura está prestes a vir.

Porém, se o visitante recear que, ao ouvir esta oração, o doente venha a esmorecer, deve recitá-la baixinho ou à saída do quarto.

É costume também abençoar-se o enfermo na Sinagoga com a prece **Mi sheberach** ("Aquele que abençoou nossos pais... abençoará e curará fulano..."), declinando o nome hebraico do doente e sua filiação materna.¹

מִי שֶׁבֶרַךְ אֲבוֹתֵינוּ אֲבִרְהָם יִצְחָק וְיַעֲקֹב. מֹשֶׁה וְאַהֲרֹן דָּוִד וְשְׁלֹמֹה. הוּא	
יְבָרֵךְ וְיִרְפֹּא אֶת הַחוּלֶה (פְּלוֹנִי בֶן פְּלוֹנִית) לְנֶכֶד הַחוּלֶה (פְּלוֹנִית בַּת פְּלוֹנִית)	
בְּעִבּוּר (שְׁפִילִי בֶן פְּלוֹנִי) נִדְרָר צָדָקָה בְּעִבּוּרוֹ לְנֶכֶד בְּעִבּוּרָהּ. בְּשִׁכְרָה זֶה	
הַקָּדוֹשׁ בָּרוּךְ הוּא יִמְלֹא רַחֲמִים	
לִנְכֵד עָלֶיהָ לְהַחֲלִימָהּ וּלְרַפְּאוּתָהּ	לִזְכֹּר עָלָיו לְהַחֲלִימוֹ וּלְרַפְּאוֹתוֹ
וּלְהַחְזִיקוֹ וּלְהַחְזִיטוֹ וּשְׁלַח לוֹ	וּלְהַחְזִיקוֹ וּלְהַחְזִיטוֹ וּשְׁלַח לוֹ
מִהֲרָה רְפוּאָה שְׁלֵמָה מִן הַשָּׁמַיִם	מִהֲרָה רְפוּאָה שְׁלֵמָה מִן הַשָּׁמַיִם
לְכָל אֲבִירָהּ וּלְכָל גִּידֶיהָ	לְרַמֵּחַ אֲבָרָיו וּשְׁסֵה גִידָיו
בְּתוֹךְ שָׂר חוּלֵי יִשְׂרָאֵל. רְפוּאָת הַנֶּפֶשׁ וּרְפוּאָת הַגּוּף הַשְׁתָּא בְּעִנְיָא	
וּבִזְמַן קָרִיב וְנֹאמַר אָמֵן.	

¹ No Talmud (Rosh Hashaná 16b) está escrito que "quatro coisas anulam a sentença decretada a um homem: a caridade, a oração, a mudança do nome e uma modificação de conduta."

Por esse motivo, em casos extremos muda-se o nome de um enfermo a fim de mudar-lhe o destino, para que viva. O procedimento de "Shinui hashem" deve ser realizado por um rabino entendido no assunto.

Mi sheberach avotênu Avraham Yitschac veiaacov, Moshe veaharon David ushlomó, hu ievarech virape et hacholê/feminino: hacholá/ [...nome...] ben/feminino: batl [...nome da mãe...] baavur she [...nome...] ben [...nome do pai...] noder tsedacá baavuro/feminino: baavurá/. Bissechar ze hacadosh baruch hu yimale rachamim...

masculino: alav/ehachalimo ulerapoto ulehachazico ulehachaioto veyishlach lo meherá refua shelema min hashamáyim liremach evarav veshessá guidav...

feminino: aleha lehachalima ulerapota ulehachazica ulehachaiota veyishlach la meherá refua shelema min hashamáyim liremach evareha veshessá guideha...

betoch shear cholê Yisrael, refuat hanéfesh urefuat haguf, hashta baagala uvizman cariv, venomar AMEN.

MI SHEBERACH - *Aquele que abençoou a nossos pais Abraão, Isaac e Jacob, Moisés e Aarão, David e Salomão, abençoará e curará o/a enfermo/a [...nome...], filho/a de [...nome da mãe...], porquanto [...nome...], filho de [...nome do pai...], prometeu doar caridade em sua causa. Em função disto, o Sagrado, bendito seja Ele, apiedar-se-á dele/a e o/a curará, restabelecerá, fortalecerá e fará viver, e mandará brevemente cura completa dos céus a seus 248 órgãos e 365 músculos, dentre todos os enfermos de Israel, cura para a alma e cura para o corpo, agora, prontamente, e em tempo próximo, e digamos AMEN.*

COM O CORPO

Com o **Corpo** significa esforçar-se pessoalmente em atender ao doente no tocante às necessidades de sua enfermidade, internação, medicação, alimentação e higiene pessoal, mesmo quando ele já estiver hospitalizado.

Familiares e amigos do doente devem aguardar 3 dias, exceto quando houver eminente perigo de vida ou se o doente encontrar-se sem qualquer assistência.

Se a visita vier a representar algum incômodo ao doente ou a molestar sua saúde, não se deve entrar em seu quarto. Nesse caso, ou quando o mesmo está numa Unidade de Tratamento Intensivo, deve-se ir ao local onde ele se encontra e interessar-se,

junto a seus familiares ou responsáveis, sobre alguma forma de prestar-lhe ajuda. Em alguns casos, doar sangue pode ser de extrema importância, caso o doente necessite de uma transfusão.

Deve-se procurar visitar um doente nas horas em que é possível auxiliá-lo em suas necessidades ou fazer-lhe companhia; por outro lado, não se deve entrar abruptamente no quarto de um doente, pois ele pode não estar em condições adequadas para receber visitas e ficar constrangido. Da mesma forma, deve-se evitar visitá-lo nos momentos em que recebe algum tratamento médico ou é examinado, porque a presença do visitante poderá vir a comprometer o andamento do mesmo, ou mesmo causar algum constrangimento.

O visitante não deve sentar-se em um local mais alto que o enfermo, nem atrás de sua cabeça, porque a **Shechiná** (Presença Divina) paira sobre a cabeça dos enfermos.

Não se deve permanecer junto a ele tempo demasiado, se isto não for benéfico ao doente.

No caso de duas pessoas doentes simultaneamente, deve-se visitar aquele que necessita de ajuda. Se nenhum dos dois carece e um é rico e o outro é pobre, deve-se visitar primeiro o pobre pois poucos são seus visitantes; e isso, mesmo se o rico for uma pessoa importante e erudita.

No Shabat, é permitido visitar um doente;² não obstante, é melhor fazer a primeira visita durante a semana, visto que a primeira visita provoca algum sofrimento no doente, e deve-se evitar isto no Shabat. Pelo mesmo motivo, pessoas sensíveis, que se abalam com o sofrimento alheio, devem evitar fazer visitas a doentes no Shabat, exceto no caso em que o doente precise dessa pessoa.

² A permissão (e, em alguns casos, obrigação) de violar o Shabat e o Iom Tov (por exemplo: andar de carro e telefonar) aplica-se apenas a casos de emergência em que houver perigo de vida (ou suspeita de) e que haja (qualquer) chance de salvar, ou mesmo prolongar, uma vida. Visitar meramente um doente (mesmo terminal) não está englobado nesta categoria.

Telefonar, apenas, não exime do cumprimento integral desta Mitsvá, embora tenha seu valor enquanto preocupação com o estado do doente.

COM AS POSSES

Com as **posses** significa prover ao doente, se é pobre, o necessário para seu bem-estar material, de forma que nada lhe falte em seu tratamento e convalescença.

Além disso, costuma-se dar caridade (**Tsedacá**) aos pobres em nome do enfermo, conforme lemos no **Machzor** das Grandes Festas: “O arrependimento, a oração e a caridade convertem a má sentença”.

BÊNÇÃO HAGOMEL

Um enfermo que permaneceu pelo menos 3 dias acamado e recuperou-se, deve dar graças a Deus e recitar, na Sinagoga, a **Bênção Hagomel**, após ser chamado à Torá, na primeira oportunidade que tiver.

בָּרוּךְ אַתָּה יְיָ אֱלֹהֵינוּ מֶלֶךְ הָעוֹלָם. הַגּוֹמֵל לְחַיִּים
טוֹבוֹת. שְׁגִמְלָנִי כָּל טוֹב.

יְהִי עִתָּה :

אָמֵן. מִי שְׁגִמְלָךְ טוֹב, הוּא יְגִמְלָךְ כָּל טוֹב. סְלָה.

Baruch ata Adonai, Elohênu mélech haolam, hagomel
lechaiavim tovot, sheguemaláni col tov.

e a Congregação responde:

AMEN, mi sheguemalchá tov, hu yigmolchá col tov sêla.

BARUCH - *Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que, apesar de não merecê-lo, me concedeste todo o bem.*

e a Congregação responde:

AMEN. Quem te concedeu o bem, conceder-te-á todo o bem sempre.

Nessa ocasião, é costume oferecer um “**Lechayim**” na Sinagoga para celebrar a graça obtida, e à pessoa que se retabeleceu de uma enfermidade costuma-se dizer:

ברוך רופא חולים.

Baruch rofê cholim.

BENDITO - *Bendito seja O que cura os doentes.*

לקט דיני אבלות

**BREVE RESUMO DAS LEIS
DE LUTO JUDAICAS**

Compilação e edição
Jairo Fridlin

PREFÁCIO

Este breve **Resumo** das leis de luto judaicas tem por finalidade esclarecer dúvidas sobre os procedimentos rotineiros em casos de morte e luto.

Este breve **Resumo** é uma **compilação** de leis promulgadas pelas autoridades religiosas competentes, acrescida de alguns comentários, observações e explicações, onde se fazia necessário.

Diferente da linguagem haláchica tradicional, este breve **Resumo** foi redigido de forma direta e objetiva, um tanto quanto didática, e baseado em dúvidas e perguntas do próprio autor e de pessoas que a ele, inadvertidamente, apresentaram seus dilemas e angústias.

Em vista da existência de muitos e muitos costumes no que tange ao luto, que variam de lugar para lugar, este breve **Resumo** ateve-se aos mais em voga no Brasil, e mais especificamente em S. Paulo, dentro da comunidade originária da Europa Oriental (Ashkenazi).

Devido ao fato de o autor não ter autoridade na área haláchica, o presente **Resumo** foi entregue à apreciação de autoridades religiosas que, após minuciosa revisão, autorizaram sua publicação.

Alguns termos hebraicos aparecem no texto para facilitar aos leitores a consulta em outras fontes que tratam deste assunto, ou mesmo nas relacionadas na bibliografia deste **Resumo**.

Queira Deus que, através da observância dos rituais fúnebres, pontuados na honra e no respeito devidos aos seres humanos sem vida, Ele torne realidade o versículo, que diz:

“Ele suprimirá a morte para sempre;
O Eterno Deus enxugará as lágrimas de cada rosto”.

O AUTOR

INTRODUÇÃO

MORTE E LUTO

“Segundo o pensamento judaico, a morte não é o fim, senão o princípio. O Judaísmo considera este mundo um corredor, uma preparação para o Mundo Vindouro. Este mundo futuro não pode ser compreendido plenamente enquanto a mente do homem seguir limitada a seus conceitos físicos. Não obstante, o homem pode supor que, nessa existência, as almas nobres prosperam.

Em consequência, os judeus vêem a morte com tristeza, mas não com aflição. Sentem como uma enorme perda a morte dos seres amados, e se preocupam pelo fato de seus pecados poderem fazê-los merecedores de um castigo futuro. Sem dúvida, encontram consolo no fato de que a morte não significa o fim de uma pessoa. Sentem alívio ao pensar que, aqueles que sofrem por causa de uma doença encontrarão a paz.” ¹

“Porém, quanto mais valorosa uma pessoa, maior a sua perda aos sobreviventes. Quanto mais havia significado para sua família, seus amigos e sua comunidade, mais profunda a dor e mais aguda a angústia.

As observâncias tradicionais judaicas, relativas à morte e ao luto, têm por objetivo prestigiar a pessoa falecida e confortar os enlutados.” ²

¹ Extraído do “Guia sobre el enfoque de la Torá” de Rabi E. Gevitz, in “Ner Leheim”, do Rabino Isaac Dichi, pág. 38.

² Extraído de “O Ser Judeu”, do Rabino Hayim Halevy Donin, pág. 313.

SOBRE QUEM SE OBSERVA O LUTO

Os sete parentes pelos quais homens e mulheres devem observar as leis de luto são:

Pai e mãe

Filho e filha

Irmão e irmã (por parte de pai ou mãe)

Esposo/esposa³

Um bebê - não haverá luto no caso deste morrer até o 30º dia (inclusive)⁴. Caso o bebê tenha passado alguns dias na incubadora após seu nascimento, a contagem dos 30 dias terá início a partir do dia que sair da incubadora. Falecendo antes disso, o bebê será considerado prematuro, e não haverá luto. Em qualquer hipótese, fetos e abortos também têm a sua santidade e devem ser sepultados, mesmo que não se guarde luto por eles.

ANTES DO FALECIMENTO

O Judaísmo considera uma pessoa morta somente quando seu coração e cérebro cessaram completamente de funcionar. Antes disso, ela é considerada viva, mesmo estando agonizante ou em estado de coma. Nada pode ser feito para apressar o seu fim (eutanásia); pelo contrário, deve-se fazer todas as tentativas médicas possíveis para mantê-la viva e salvá-la.

É considerado um ato de extrema caridade permanecer junto a uma pessoa nessas condições, não permitindo que ela deixe este mundo estando sozinha. Não obstante, não se deve ficar parado atrás de sua cabeça e nem ao lado de seus pés, e deve-se atentar para que todo o corpo da pessoa esteja sobre a cama. É proibido tocar em um moribundo (**Gossês**).

Amigos ou familiares que não conseguem controlar o choro devem ser retirados do recinto e aguardar no lado de fora. Um Cohen⁵ não deve ficar nesse recinto.

³ ex-esposa/o, já divorciados pela Lei Judaica (Guêl) - não; noiva/o - não.

⁴ Antes de enterrar um bebê (ou um feto), se menino - é necessário circuncidá-lo e dar-lhe um nome hebraico; se menina - dar-lhe um nome hebraico.

⁵ Exceto se o morto for um dos parentes relacionados na pág. 95, na qual o procedimento de um Cohen, frente uma situação de morte, é detalhado.

Costuma-se rezar junto ao leito para dar consolo espiritual àquele que está prestes a partir, no caso de ainda ser capaz de ouvir as palavras sagradas;⁶ ou como um “acompanhamento” para a alma que se separa do corpo, no caso em que já tiver perdido a consciência.

APÓS O FALECIMENTO

Constatado com certeza o óbito, deve-se abrir as janelas do quarto e cobrir-se o rosto do falecido com um pano branco. Depois de 20 minutos, tira-se-lhe a roupa, assim como os adornos (por exemplo: anéis, aliança, pulseira, relógio, brincos, colar, óculos e peruca), cobrindo-o totalmente com um lençol branco, e coloca-se cuidadosamente o corpo no chão, com os pés em direção à porta.

Em seguida, deve-se fechar seus olhos e sua boca, endireitar seus pés e suas mãos, colocar algo sob sua cabeça, de tal forma que fique num nível levemente superior ao resto do corpo, e acender duas velas próximo à sua cabeça.

A **Chevra Kadisha** local deve ser contatada imediatamente para as devidas providências, como cuidados do corpo, sua lavagem (**Tahará**) e preparação para o enterro, aquisição do devido caixão, documentação e procedimentos legais, velório e o próprio enterro.

Existem situações em que deve-se chamar a **Chevra Kadisha**, com urgência, para evitar, por exemplo, que o corpo seja levado contra a vontade ao IML.

O corpo não deve ficar sozinho em hipótese nenhuma, de dia ou de noite, e ninguém deve comer, beber ou fumar no recinto em que ele se encontrar. Se o corpo estiver numa geladeira, basta ficar na sala contígua.

Em hospitais, deve-se ficar atento aos diferentes procedimentos e exigir o devido respeito com relação ao corpo e às crenças religiosas do falecido.

⁶ por exemplo: Shemá Yisrael, Adonai Elohênu, Adonai Echad. (“Ouve Israel! O Eterno é nosso Deus! o Eterno é Um!”)

Quando um falecimento ocorre numa residência, e não faz diferença a religião do morto, costuma-se esvaziar as águas existentes nos recipientes⁷ da casa onde se encontra o morto e das duas casas vizinhas de cada um dos lados. Com isto dá-se a saber do falecimento e da passagem pela vizinhança do “anjo da morte” .

Em prédios de um apartamento por andar, o costume incide, além do próprio apartamento em que está o morto, sobre os dois apartamentos acima e os dois apartamentos abaixo. Em prédios de dois (ou 3) apartamentos por andar, os dois (ou 3) daquele andar, bem como os dois (ou 3) acima e os dois (ou 3) abaixo do apartamento em que está o morto.

É costume, também, cobrir os **espelhos** e demais superfícies polidas (como televisão, quadros e fotos de pessoas envidraçados) onde se encontram os enlutados pois é proibido rezar na frente de espelhos. Além disso, segundo a Cabalá, a alma do falecido visita a casa durante estes dias e faz aparecer a sua forma através do espelho.

PREPARAÇÃO DO CORPO

É um princípio fundamental do Judaísmo a honra e o respeito devidos, inclusive, a um ser humano sem vida (**Kibud Hamet**).

Por esse motivo, os cuidados do corpo, sua lavagem (**Tahará**) e preparativos para o enterro, como providenciar a mortalha mortuária, o caixão e a documentação legal, assim como o velório e o próprio enterro, são deveres religiosos sagrados, com que só os mais devotos e dignos membros da comunidade eram encarregados. Atualmente, encarrega-se dessas tarefas a **Chevra Kadisha** (Sociedade Sagrada), composta de homens e mulheres devidamente treinados e preparados para realizar esta última caridade.

Depois de lavado e purificado, o corpo é envolto em mortalhas brancas e simples (**Tach'richim**), para ressaltar a igualdade, na

⁷ excluindo água com gás, gelo, refrigerantes e caixa d'água da casa.

morte, do rico e do pobre; sob a cabeça do morto, é colocado um pouco de terra proveniente de **Érets Israel**; os homens são envoltos, ainda, no **talit** (Tales) que os envolveu em vida, porém, para simbolizar que não estão mais sujeitos aos preceitos deste mundo, suas franjas (**Tsitsit**) são rasgadas, para invalidá-lo.

É proibido embalsamar o corpo, pois o sangue do morto faz parte dele e deve ser enterrado com ele. Quando se faz necessário transportar o corpo para outra localidade, a **Chevra Kadisha** aplica as técnicas de conservação de cadáveres permitidas pela tradição judaica e de acordo com a legislação brasileira.

Dentes de ouro, dentadura, lentes de contato, e próteses podem ser retirados do corpo e não serem enterrados com ele.⁸

É terminantemente proibido os enlutados ou outras pessoas que não sejam os funcionários da **Chevra Kadisha** verem o falecido antes de fechar-se o caixão.

AUTÓPSIA⁹

O consenso das decisões rabínicas durante os últimos séculos condenou e proibiu definitivamente a autópsia como uma profanação dos mortos. Contudo, foram feitas concessões, quando havia razoáveis perspectivas de que isto pudesse contribuir a salvar a vida de um outro paciente.

Nos raros casos em que a proibição geral de autópsia é suspensa, é de importância vital que guardem certas cautelas:

- o mínimo possível de tecidos necessários para o exame deve ser usado.
- todas as partes do corpo removidas devem ser devolvidas para serem enterradas.
- exceto quando exigido pela lei, a autópsia não deve nunca ser feita sem a permissão expressa da família ou o consentimento prévio feito pelo falecido, antes de sua morte.

Sendo que cada caso é diferente e as opiniões de rabinos competentes podem divergir quanto às condições da permissão, sugere-se seguir a orientação de seu rabino.

⁸ No caso de marca passo, é passível a remoção da bateria (mas não da sonda) quando este for imprescindível para outra pessoa necessitada.

⁹ Extraído de "O Ser Judeu", do Rabino Hayim Halevy Donin, pág. 314

DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

A doação de órgãos **intervivos** é permitida pelo judaísmo, desde que, após o transplante, o doador continue com a possibilidade de viver sem aquele órgão.

Já a doação de órgãos após a morte, não, pelo seguinte motivo: como a definição de morte pelo judaísmo compreende a parada cerebral e a parada cardíaca (ambas), transplantes de órgãos nessa condição não são possíveis pois, na medicina, é justamente **entre** a parada cerebral e a cardíaca que órgãos podem ser retirados para transplante em outra pessoa.

A única coisa que é possível retirar-se e aproveitar-se de um corpo (após a parada cerebral e a parada cardíaca) são suas córneas e sua pele. A retirada destas exclusivamente foi permitida, por alguns rabinos, nas seguintes condições:

- ser(em) reimplantada(s) em outro corpo imediatamente e não ficar(em) estocada(s), aguardando uma emergência que venha a ocorrer no futuro.

- ter o consentimento prévio do falecido, bem como a permissão expressa da família e a devida **orientação** de um rabino.

A doação, pura e simples, do corpo à ciência é proibida, mesmo sendo esta uma determinação prévia do falecido. Neste caso, cabe a família não dar ouvidos ao falecido e enterrá-lo como prescreve a lei Judaica.¹⁰

CREMAÇÃO

É proibido cremar um corpo, mesmo quando o falecido assim o determinou previamente. O sepultamento precisa ser realizado na terra, de acordo com o ensinamento bíblico: “porquanto tu és pó, e ao pó hás de tornar” (**Gênesis 3,19**).

Se houver cremação (o que é extremamente prejudicial à alma do falecido), tanto se as cinzas forem enterradas na terra¹¹, como

¹⁰ Membros amputados em vida também devem ser sepultados; para tanto, a Chevra Kadisha deve ser contatada para este procedimento.

¹¹ Os cemitérios judaicos, como norma, não enterram urnas crematórias!

se forem conservadas em uma urna, sobre a terra, ou forem espalhadas sobre o mar, a família não deverá observar o período de “**Shivá**” (sete dias de luto).

SUICÍDIO

O dom da vida é uma dádiva divina, não cabendo, pois, aos seres humanos a decisão de interrompê-la ou encurtá-la.

O suicídio é condenado pelo Judaísmo e comparado ao ato de renegar a fé. Por isso, os atos de luto e de sepultamento são feitos neste caso com muitas restrições. De toda forma, cada caso é um caso, e deve-se convocar rabinos para que analisem o caso minuciosamente, a fim de encontrarem circunstâncias atenuantes e para verificar se é realmente um caso de suicídio voluntário, antes de serem aplicadas as restrições estipuladas pela Lei, como a que determina seu sepultamento a uma distância de aproximadamente 5 metros dos demais túmulos e a não observância de luto.

ANTES DO SEPULTAMENTO

A fase entre o falecimento e o enterro é chamada **Aninut**, e a pessoa que tiver um familiar falecido, pelo qual tem de observar o luto¹², é denominada **Onen**, até o sepultamento.

O **Onen** não pode comer carne, beber vinho, lavar-se, trabalhar (e sua loja, fábrica ou escritório devem ser fechados), cortar o cabelo e a barba, cumprimentar os outros, sentar-se em cadeiras e ter relações conjugais. Os sapatos de couro só deverá tirá-los após o enterro. Por outro lado, ele está isento das obrigações religiosas (como colocar os **Tefilin**), mas não das proibições, pois sua obrigação maior no momento é cuidar dos preparativos do enterro.

A **Aninut** não vigora no Shabat e no Iom Tov, exceto no tocante à intimidade (relações conjugais).

Em caso de traslado ao exterior, deve-se consultar o rabino.

¹² Vide quais na página 57.

VELÓRIO

Até o sepultamento, deve-se dar aos enlutados plena vazão à sua aflição e dor, e não se deve oferecer condolências.

A exibição do morto num caixão aberto é considerada pela tradição como uma desonra e um desrespeito ao falecido; embora a intenção desta prática seja honrosa, ela é rejeitada pelos valores judaicos. Por isso, tão logo é constatado o óbito, o corpo é coberto com um lençol.

No recinto em que se encontrar o corpo ou o caixão, deve-se acender duas velas no castiçal e mantê-las sempre acesas até a saída do féretro. As pessoas devem ler **Salmos**¹³ em intenção à alma do falecido, mencionar as virtudes e as boas obras dele e manter no ambiente um clima de circunspecção e sobriedade.

O corpo não deve ser deixado sozinho, nem à noite, e é proibido comer, beber ou fumar no recinto em que este se encontrar.

No tocante ao envio de flores, este é um procedimento não costumaz no Judaísmo; **flores** ou coroas de flores que porventura sejam enviadas em honra do falecido (principalmente por não judeus), devem ser aceitas mas não colocadas sobre o caixão ou levadas ao cemitério, e sim colocadas numa sala próxima ao velório.

A maior honra (**cavod**) que os amigos e parentes podem manifestar nesta ocasião, além de suas presenças, é o ato de fazer donativos às entidades de beneficência em nome do falecido e pelo repouso de sua alma, pois a caridade proporciona conforto espiritual à alma perante Deus.

Acompanhar um cortejo fúnebre (**Levaiá**) e levar um morto à sua última morada é um dever tão sagrado que permite, até mesmo, em alguns casos, interromper o estudo da Torá. O carro que transporta o féretro para o cemitério deve ir à frente; nele devem ir também correligionários para evitar que o corpo fique sozinho.¹⁴

¹³ O costume é recitar principalmente os Salmos 33, 16, 17, 72, 91, 104, 130 e as estrofes alfabéticas do 119 que compõe o nome do falecido.

¹⁴ Vale mencionar que, em Jerusalém e em outras comunidades, não é costume as mulheres acompanharem uma **Levaiá**.

CHEGADA AO CEMITÉRIO

Toda pessoa que não visitou um cemitério judaico há 30 dias (exceto **Onen**), deve dizer:

בְּרוּךְ אַתָּה יְהוָה אֱלֹהֵינוּ מֶלֶךְ הָעוֹלָם,
אֲשֶׁר יָצַר אֶתְכֶם בְּדִין, וְזָן וְכִלְכַּל אֶתְכֶם בְּדִין,
וְהִמִּית אֶתְכֶם בְּדִין, וַיּוֹדַע מִסְפַּר כָּלְכֶם בְּדִין,
וְהוּא עֲתִיד לְהַחְיֹתְכֶם וּלְקַיֵּם אֶתְכֶם בְּדִין.
בְּרוּךְ אַתָּה יְהוָה, מַחְיֵה הַמֵּתִים.

Baruch ata Adonai Elohênu mélech haolam, asher iatsar etchem badin, vezan vechilkel etchem badin, vehemit etchem badin, veiodêa mispar culchem badin, vehu atid lehachaiotchem ulecaiem etchem badin. Baruch ata Adonai, mechaiê hametim.

BARUCH - *Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que vos criastes em juízo, e vos sustentastes e nutristes em juízo, e vos faleceste em juízo, e que vos conhece a todos em juízo, e que no futuro vos ressuscitará e vos manterá em juízo. Bendito sejas Tu, Eterno, que ressuscitas os mortos.*

Muitas grávidas e lactantes não costumam entrar no cemitério, seja para acompanhar um enterro, seja para uma visita.

Chegando ao cemitério,¹⁵ o cortejo dirige-se à **Bêl Tahara** (Casa de Purificação), caso o corpo não tenha sido ainda lavado e purificado; em seguida, prestam-se-lhe as últimas homenagens. Nas sextas-feiras à tarde ou nas vésperas de um lom Tov, segue-se diretamente para o local da cova, quando o corpo já estiver devidamente preparado, conforme o ritual.

¹⁵ Nunca é demais salientar a necessidade de vestimentas decorosas ao entrar-se no cemitério, principalmente no verão, e com a cabeça coberta.

Tal qual durante o velório, o caixão (fechado) é colocado sobre uma mesa, com os pés voltados para a direção da porta, e velas são acesas no castiçal.

KERÍÁ

Rasgar uma roupa (**Keríá**) que se está usando é a maneira religiosa de expressar a mágoa pela perda de um ente querido. É um antigo e tradicional sinal de luto, entre os judeus, que remonta a tempos bíblicos: “E rasgou Jacob suas roupas... e enlutou-se por seu filho (José) muitos dias.” (**Gênesis 37, 34**)

A **Keríá** é obrigatória para os sete parentes relacionados anteriormente (pai e mãe, filho e filha, irmão e irmã, e esposa/esposo) e é feita **em pé**.

O oficiante da cerimônia inicia um corte vertical na roupa do enlutado com uma gilete ou tesoura, e este, com a mão, aumenta o rasgo até que tenha 8 centímetros.

Enquanto isso, o enlutado recebe o juízo de Deus, recitando a seguinte bênção:

בָּרוּךְ אַתָּה יְיָ אֱלֹהֵינוּ מֶלֶךְ הָעוֹלָם, דֵּין הָאֱמֶת.

Baruch ata Adonai Elohênu mélech haolam, daián haemet.

BARUCH - *Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, Juíz da verdade.*

Pela morte de **pai e mãe**, costuma-se fazer a **Keríá** no lado **esquerdo**, a fim de descobrir o coração. Por este motivo, se a pessoa estiver usando várias roupas, deverá rasgar todas elas (os sefaradim não rasgam o paletó, e os ashkenazim, que não tiverem tirado-o antes, deverão rasgá-lo também). Esta **Keríá**, se não foi feita na ocasião, deverá ser feita (sem a bênção) mesmo depois de passados muitos anos ou quando tomar conhecimento desta lei.

Pela morte dos **demais parentes**, costuma-se fazer a **Keríá** no lado **direito**, rasgando-se uma única roupa (camisa). Se não a fez

na ocasião, deverá fazê-la dentro dos 7 dias após o falecimento, sem a bênção. Após 7 dias, não mais. Dentro dos 7 primeiros dias, se trocar de camisa, não precisará rasgá-la.

Se inverteu o lado na Keriá, assim mesmo cumpriu a obrigação.

No **Shabat** e em **Iom Tov** é proibido fazer a **Keriá**. No **Chol hamoed** (dias intermediários de Pessach e Sucot), embora não vigorem as leis de luto, faz-se a **Keriá**.¹⁶

Se o falecimento ocorreu em Iom Tov, mesmo que o enterro seja realizado no **Chol hamoed**, só se fará a **Keriá** após o término da Festa e o início do luto.

Em **crianças** pequenas, o costume é rasgar-lhes a roupa só um pouquinho; nas maiores, que já vão à escola, procede-se como com os adultos. Pessoas doentes e mulheres grávidas estão dispensadas.

Uma pessoa pode trocar a roupa que estiver usando por uma mais velha para fazer a **Keriá**, se quiser, desde que esta roupa seja realmente sua.

A **Keriá** deve ser feita numa roupa, como blusa, camisa ou paletó, e não num adorno, como lenço, echarpe ou gravata.

É proibido o uso de uma **fita preta**, bem como vestir-se com roupas pretas, e isso, pela Lei Judaica, **não substitui a Keriá**.

É terminantemente proibido pela Torá flagelar-se, seja cortando a pele, seja arrancando um único fio de cabelo.

CERIMÔNIA FÚNEBRE

Em nome de todos os presentes, o oficiante pede perdão (**Mechilá**) ao morto (ditando seu nome e o nome de seu pai) por qualquer coisa que alguém tenha infringido contra ele no curso de sua vida, e a um dos enlutados ele entrega um pedaço de tecido da mortalha que deverá ficar na casa onde será realizada a **Shivá**.

Em seguida, o Salmo 16 (**Michtam ledavid**) é recitado.

¹⁶ Entre alguns descendentes da Alemanha, acostumou-se fazer-se a Keriá, no Chol hamoed, apenas para pai e mãe; para os demais parentes, a Keriá é feita após o término da Festa.

É costume discursar por um falecido, com a finalidade de mencionar as boas obras e qualidades que ele praticou e, assim, despertar os sentimentos dos que ouvem, fazendo-lhes recordar o sentido da vida neste mundo transitório e suas obrigações religiosas. Quem fizer uso da palavra no **Hesped**, que tem um grande valor para a alma do falecido, deverá falar somente verdades e mencionar exclusivamente as qualidades que o falecido possuía, tomando o cuidado, ao mesmo tempo, de não ferir ninguém direta ou indiretamente.

Nas sextas-feiras à tarde, na véspera de um Iom Tov, em **Rosh Chodesh** e nos demais dias em que as preces de súplica não são recitadas, não se discursa por um morto. Nesses casos, deixa-se o discruso fúnebre para os **Sheloshim**.

Após esta cerimônia, os presentes (de preferência familiares),¹⁷ devem pegar as alças do caixão e carregarem-no para fora do recinto, os pés do morto na frente, e só então as demais pessoas saem e seguem o féretro.

No caminho, costuma-se recitar o Salmo 91 repetidamente até chegar-se à cova; é costume fazer 7 paradas no percurso, em alusão aos 7 juízos que recaem sobre o morto e aos 7 degraus místicos.

Se possível, deve-se evitar pisar nos túmulos em respeito aos mortos que lá jazem.

ENTERRO

Todo o tempo em que o falecido não estiver sepultado, considera-se que sua alma não está em repouso. Por isso, o sepultamento deve ser realizado tão logo possível depois do desenlace. O adiamento do enterro além do dia seguinte, só é permitido se for para prestigiar o falecido, como para aguardar a chegada de seus filhos de países distantes, ou por causa do Shabat ou de um Iom Tov, ou a fim de enterrá-lo na Terra de Israel.

¹⁷ Um filho homem não deve carregar o caixão de seu pai, mas pode carregar o de sua mãe.

O motivo pelo qual enterramos um corpo sem vida é porque o corpo de uma pessoa constitui a morada de uma alma neste mundo, mesmo que transitoriamente; do mesmo modo que é triste para uma pessoa ver a casa na qual ela habitou destruída, assim o é para a alma ver desprezado o “lugar” em que a mesma habitou. Sendo a alma uma centelha divina, o corpo que a abrigou tem também uma certa santidade e, por isso, ele deve ser “guardado” com santidade.

Este ato consiste também numa confirmação da nossa crença na ressurreição dos mortos e no mundo vindouro.

No Shabat, é proibido sepultar um morto. No Iom Tov, originalmente era permitido no 2º dia, porém, nas condições atuais, em que é impossível realizar um enterro sem causar a profanação das leis do Iom Tov (por exemplo: andar de carro) é proibido realizar enterros nos dias de Festa (Iom Tov) para evitar, assim, uma desonra ao falecido.

Chegando a cova recém-aberta, os amigos e parentes devem baixar o caixão suavemente.

Ao jogar terra sobre o caixão, o oficiante repete 3 vezes:

כִּי עֲפָר אַתָּה וְאֵל עֲפָר תָּשׁוּב.

Ki afar ata veel afar tashuv.

KI AFAR - *Porquanto do pó vieste e ao pó retornarás.*

Em seguida, os presentes, como demonstração da solidariedade judaica e em honra ao falecido, ajudam a cobrir totalmente o caixão com terra; um de cada vez presta sua homenagem jogando algumas pás de terra. O ideal é cobrir todo o caixão com terra através de correligionários.

As pessoas que estão colocando terra na sepultura devem cuidar-se em não passar a pá (ou a enxada) de mão em mão, mas sim fincá-la na terra para que o outro a pegue sozinho, e isto porque não se deve passar uma coisa trágica para o próximo.

Enquanto isso, o oficiante da cerimônia fúnebre recita, então, a prece **Tsiduc Hadin** (Justiça do Julgamento), na qual nos

conformamos com a sentença de Deus a respeito do parente que faleceu. O texto inicia-se com as palavras **Hatsur Tamim Paolo** (“As obras da Rocha de Israel são perfeitas, porque todos seus caminhos são justiça; Deus fiel e sem iniquidade, justo e reto é Ele.”) e, em seguida, estando a sepultura completamente coberta de terra, os enlutados¹⁸ dizem o **Cadish** especial, denominado **Dehu Atid**, caso hajam 10 judeus maiores de 13 anos em volta da sepultura.

Nas sextas-feiras à tarde, na véspera de Iom Tov, em **Rosh Chodesh** e nos demais dias em que as preces de súplica não são recitadas, não se diz o **Tsiduc Hadin** e o **Cadish Dehu Atid**; no lugar disso, recita-se o Salmo 49 (**Lamnatsêach**) e o **Cadish latom** normal.

A seguir, o oficiante recita a prece rememorativa **El Malê Rachamim** (“Ó Deus, que é pleno em misericórdia...”), exceto nos dias em que as súplicas não são recitadas (vide observação 52).

O oficiante, em seu nome e em nome da **Chevra Kadisha**, pede ao morto perdão por alguma falha que tenham, porventura, cometido durante os rituais fúnebres, e encerra a cerimônia consolando os enlutados e informando o local em que se fará realizar a **Shivá**.

Terminado o enterro, o costume judaico é que os presentes formam duas colunas e os enlutados tiram os sapatos e passam no meio deste corredor e são consolados. Depois, são levados para casa.

As pessoas, antes de se afastarem, devem colocar uma pedrinha ou um punhado de terra sobre a sepultura e despedir-se do morto (a) com a seguinte frase:

לך בשלום ותנוח בשלום ותעמד לגורלך לקץ הימין.

masculino: Lech beshalom vetanuach beshalom vetaamod legoralchá lekêts haiamin.

לכי בשלום ותנוחי בשלום ותעמדי לגורלך לקץ הימין.

feminino: Lechi beshalom vetanuchi beshalom vetaamdi legoralech lekêts haiamin.

¹⁸ Na ausência destes, ou não havendo um enlutado do sexo masculino, um dos presentes assume este papel.

LECH (I)- *Parte em paz, descansa em paz e levanta-te ao fim dos dias.*

A partir deste instante, deve-se consolar os enlutados.

É aconselhável não visitar uma outra sepultura quando a ida ao cemitério foi motivada para acompanhar um féretro (**Levaiá**).

SAÍDA DA CEMITÉRIO

À saída do cemitério, em qualquer ocasião, todos devem fazer **Netilat ladáim**,¹⁹ isto é, lavar as mãos da forma ritual: enche-se com água um copo ou uma caneca, e despeja-se a água, primeiro sobre a mão direita e depois sobre a mão esquerda, até esvaziar a caneca. Não se recita nenhuma bênção após esta lavagem e é costume não enxugar as mãos, e sim deixá-las secar naturalmente, para que sua mente não se disperse. Porém, nos dias de frio poderá enxugá-las normalmente.

Pelo mesmo motivo que não se passa a pá de mão em mão, não se deve passar também a caneca para lavar as mãos.

É costume também, ao voltar de um enterro, não ir direto para casa, e sim passar em outro lugar antes, ou ao menos alterar o caminho e só depois ir para casa, e isto “para despistar o anjo da morte”.

OS 3 PERÍODOS DE LUTO

Logo após o enterro,²⁰ passam a vigiar sobre os sete parentes as Leis de Luto.

A Lei Judaica estipula três períodos sucessivos de luto, que vão gradualmente diminuindo de intensidade. São eles: **Shivá**, **Sheloshim** e **Avelut**.

¹⁹ Esta lei se aplica também a quem tocou em um cadáver ou apenas esteve no mesmo recinto de um velório ou local de falecimento.

²⁰ Se o corpo for ser trasladado para enterro em outro país, e uma parte dos familiares ficará e outra acompanhará o corpo, um rabino deve ser consultado.

SHIVÁ

O primeiro período é a **Shivá**, pois compreende os **Sete** primeiros dias de luto, imediatamente após o enterro, e visa ajudar as pessoas enlutadas a vencer o choque inicial.

No próprio enterro, o enlutado (**Avel**) inicia o luto trocando seus sapatos de couro por outros de pano, plástico ou borracha, ou coloca neles um pouco de terra, antes de ir para casa.²¹

A forma mais apropriada de observar a **Shivá** é a família estar junta na casa do falecido, pois, segundo a Cabalá, a alma visita o lugar onde uma pessoa viveu e faleceu, durante sete dias.²²

Contudo, isto não é obrigatório, e os membros da família podem guardar o luto em qualquer outro lugar, até mesmo separadamente, nas suas próprias casas, de acordo com as circunstâncias.

Durante a **Shivá**, algumas práticas são observadas:

Assento baixo: Os enlutados não se sentam em cadeiras de altura normal, senão em bancos baixos (até 30 cm do chão) ou sobre almofadas no chão. Em muitos lugares, remove-se as almofadas dos sofás e senta-se no estrado baixo (desde que sua altura não ultrapasse 30 cm.). Foi daí que originou-se a expressão “**sentar shivá**”, embora não seja necessário que os enlutados estejam sentados o tempo todo.

Espelhos: O costume de cobrir os espelhos, etc., já foi mencionado na pág. 59.

Vela: Costuma-se manter acesa sobre a mesa uma vela, ou uma lamparina de azeite de oliva, durante os sete dias, em memória do falecido (inclusive durante o Shabat e o Iom Tov).

²¹ Se o enterro ocorrer, por exemplo, em Israel, às 15 horas (horário local), o luto terá início para os familiares que estão no Brasil, às 10 horas, horário do Brasil. Atenção com horários de verão e inverno.

²² Mesmo que, à noite, cada enlutado seja acompanhado até sua casa e seja trazido cedinho na manhã seguinte.

Água e paninho: Costuma-se colocar sobre a mesa, ao lado da chama, um pires (ou copo) com água, e ao lado deste um pedaço do tecido da mortalha do falecido a fim de, segundo a Cabalá, despertar o atributo Divino da benevolência (ao qual a água está ligada) sobre a alma do falecido, em alusão ao versículo bíblico que diz: “Mesmo que vossos pecados sejam escarlates, ficarão brancos como a neve”.

Caridade: Costuma-se colocar um prato, ou um cofrinho, sobre a mesa para que os visitantes façam donativos às entidades de beneficência em nome do falecido e pelo repouso de sua alma, conforme já explicado na pág. 63.

Rezas: Os enlutados não saem de casa durante a **Shivá**,²³ suspendem as ocupações habituais e dedicam seus pensamentos ao falecido. Por este motivo, a família e os amigos organizam no local as 3 rezas diárias (**Arvit**, **Shacharit** e **Minchá**) e, assim, proporcionam uma satisfação espiritual à alma que faleceu, e consolam e ocupam as mentes dos enlutados.

Alguns textos da reza são omitidos (basicamente, as preces de súplicas) e outros são acrescentados (Salmos) nessas ocasiões. Quando for rezada a **Amidá** (Grande Oração), todos devem ficar de pé e voltar-se para a direção de Jerusalém (no sul do Brasil, para o nordeste).

O **Avel** (enlutado), se souber e estiver apto, deve officiar a cerimônia quando o luto é por seus pais, exceto nos dias em que se recita o Halel; pelos demais parentes, apenas se não houver outro para fazê-lo. Quando o **Avel** for o oficiante, deverá omitir a frase “Titcabal tselotehon...” no **Cadish-Completo**.

Mesmo nessas circunstâncias, deve-se fazer com que haja uma divisória (**Mechitsá**) entre o ambiente ou sala em que os homens estão rezando e o em que se encontram as mulheres, incluindo as enlutadas, tal qual numa Sinagoga. A propósito, as mulheres também podem e devem rezar, por si mesmas ou

²³ Exceto em Purim, para ir à Sinagoga ouvir a leitura da Meguilá (rôlo) de Ester, e em Tisha Beav, mas sempre acompanhados.

pela alma do falecido, tanto as rezas em si como capítulos dos Salmos.

A prática contemporânea de servir cafézinho e bolo após os ofícios religiosos, embora facultativa, visa proporcionar elevação à alma do falecido, através das respectivas bênçãos pronunciadas pelos alimentos, antes de ingeri-los.

Se não houver condições de realizar as rezas na casa do enlutado, ele pode ir à Sinagoga, a fim de recitar o **Cadish** e, em seguida, voltar para casa, mas acompanhado na ida e na volta (vide página 78 sobre a proibição de calçar sapatos de couro).

Primeira Refeição: Após o enterro, a primeira refeição dos enlutados não deve ser de sua própria comida,²⁴ mas sim, deve ser provida e preparada por vizinhos, amigos ou parentes.

Ela é denominada **Seudat Havraá** (“Refeição do restabelecimento”) e conhecida como “refeição de consolo”. Ela consiste de pão e ovos duros (antigamente lentilhas). O ovo, que é um símbolo de luto e de condolências, em sua redondez simboliza a natureza contínua da vida e também sugere, talvez, que renovação e alegria podem surgir depois do desespero.

Esta refeição deve ser consumida pelos enlutados num ambiente calmo e de contemplação, sem que se crie um ambiente de encontro social. Ela se destina exclusivamente aos enlutados.

Caso os amigos não tenham providenciado aos enlutados esta refeição, eles podem comer da sua própria comida. Se os enlutados não estiverem em estado de pensar em comer no primeiro dia, poderão comer à noite ou no dia seguinte já da sua comida.

Esta refeição não é servida quando os enlutados retornam do enterro na tarde da véspera do Shabat ou de um Iom Tov e faltam menos de 2 (duas) horas para a entrada dos mesmos. Ela é servida mesmo num **Rosh Chodesh** (início do mês judaico), em Purim e Chanucá, e nos dias intermediários de Pessach e Sucót (**Chol Hamoed**), sendo que nesses últimos, por não vigorarem neles as leis de luto, ao invés de pão e ovo, serve-se bolo e café.

²⁴ mas um chá ou cafézinho é permitido.

CADISH

O **Cadish** é uma das mais antigas orações da liturgia judaica e remonta à época do 2º Templo. Antigamente, era recitado somente no final de uma sessão de estudos da Torá, e só em alguma época da Idade Média passou a identificar-se também com os enlutados, embora não faça referência alguma aos mortos ou ao luto.

O **Cadish** é uma declaração profunda de fé na grandeza infinita de Deus e um apelo pela redenção e salvação. Portanto, se no meio da aflição provocada pela perda de um parente, quando surge a tendência de culpar e rejeitar Deus, ainda assim, uma pessoa se levanta para expressar publicamente essas palavras de fé em Deus, então isso é um ato de grande mérito para a alma do falecido, por ter criado alguém capaz de tal demonstração de fé.

É apenas nesse sentido que o **Cadish** pode ser considerado como uma “oração pelos (= em prol dos) mortos”, visto que sua recitação junta-se aos méritos da alma que partiu, no julgamento a que é submetida no mundo do porvir, e no processo de elevação do espírito do falecido.

QUEM DEVE RECITAR O CADISH

A obrigação prioritária desse ato de reverência recai sobre o(s) filho(s) homem(s) pela morte de seus pais, mesmo que esse(s) filho(s) não tenha(m) completado 13 anos (**Bar-Mitsvá**).²⁵

Se a pessoa que faleceu não teve filhos, a obrigação recai, então, sobre seu pai, mesmo que os pais deste ainda estejam vivos.²⁶ Se este já é falecido, os irmãos devem rezar o **Cadish** por essa pessoa.

²⁵ A suposição de que um menino órfão faz seu Bar-Mitsvá aos 12 anos é total e completamente infundada. Outrossim, é conveniente que um adulto recite o Cadish junto com ele.

²⁶ Neste caso, é necessário pedir o consentimento dos pais. O mesmo deve ser feito quando um dos dois falece e o outro permanece vivo.

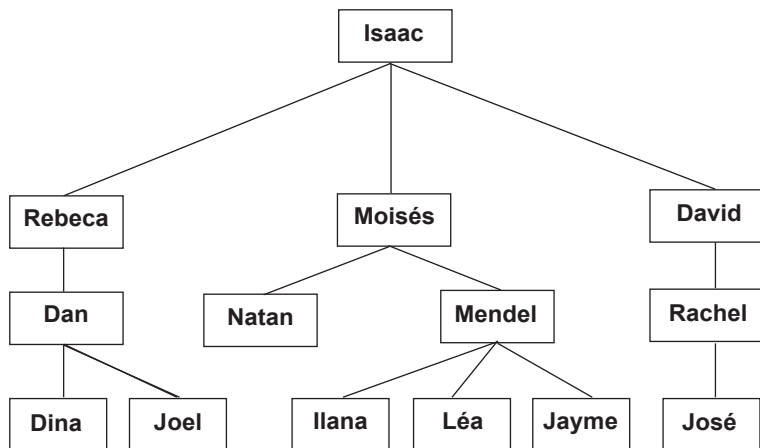
Se a pessoa que faleceu não deixou filhos homens vivos, caberá aos filhos dos seus filhos (ou demais netos, desde que órfãos) rezarem o **Cadish** por ela; na ausência destes, ou se forem ainda crianças, o dever recairá sobre seu pai; na ausência destes, os irmãos do falecido rezarão por ela.

Não havendo nenhum desses parentes, o marido ou um genro poderão recitar o **Cadish**, desde que os pais destes sejam falecidos. Do contrário, deve-se contratar os serviços de uma pessoa religiosa para recitar o **Cadish**.

Este recurso só é válido nesse caso. Quando há um filho, porém, o próprio mérito que é atribuído ao falecido pelo dever cumprido pelos sobreviventes, lhe é negado quando se contrata uma pessoa estranha como substituto. É mais meritório e melhor um filho recitar o **Cadish** apenas uma vez por dia do que um estranho dizê-lo cem vezes num dia!

Uma filha não tem essa obrigação, e nem pode recitar o **Cadish**, mas pode levantar-se na hora que o estão recitando, ouvi-lo atentamente e responder **Amen** e **lehê Shemê Rabá** etc. na certeza de que, Aquele que esquadrinha e conhece os pensamentos, considerará como se ela o estivesse recitando.

EXEMPLOS:



● Se **Isaac** morrer, a obrigação de recitar o Cadish recairá prioritária e exclusivamente sobre:

- 1 - Moisés e David
- 2 - Natan e Mendel (se Moisés e David forem falecidos)
- 3 - Dan (se Rebeca for falecida)
- 4 - Marido de Rebeca (se for órfão)

● Se **Rebeca** morrer, a obrigação de recitar o Cadish recairá prioritária e exclusivamente sobre:

- 1 - Dan
- 2 - Joel (se Dan for falecido)
- 3 - Moisés e David
- 4 - Marido de Rebeca (se for órfão)

● Se **Moisés** morrer, a obrigação de recitar o Cadish recairá prioritária e exclusivamente sobre:

- 1 - Natan e Mendel
- 2 - Jayme (se Mendel e Natan forem falecidos)
- 3 - Isaac (se Jayme for criança)
- 4 - David

● Se **David** morrer, a obrigação de recitar o Cadish recairá prioritária e exclusivamente sobre:

- 1 - José (se Rachel for falecida)
- 2 - Isaac (se José for criança)
- 3 - Moisés
- 4 - Marido de Rachel (se for órfão)

● Se **Rachel** morrer, a obrigação de recitar o Cadish recairá prioritária e exclusivamente sobre:

- 1 - José
- 2 - David (se José for criança)
- 3 - Marido de Rachel (se for órfão)

ATÉ QUANDO RECITA-SE O CADISH

O **Cadish** deve ser recitado diariamente (inclusive no Shabat e nas Festas) nos três ofícios religiosos (**Arvit, Shacharit, Minchá**) por **11 meses**, a contar do dia do enterro.

Por exemplo: se uma pessoa foi enterrada no dia 7 do mês hebraico de Shevat, deverá ser recitado o **Cadish** por ela até o ofício da tarde (**Minchá**) do dia 6 de Tevê (mês anterior a Shevat);

se o ano em curso for de 13 meses,²⁷ até o ofício da tarde do dia 6 de Kislev (mês anterior a Tevêl).

FORMA DE RECITAR

Por ser o **Cadish** uma oração comunitária, que exige sua recitação perante uma congregação, ele só pode ser recitado na presença de um **Minyan** (10 judeus com mais de 13 anos); quando se reza solitariamente ou em menos de 10 pessoas, não é permitido recitá-lo.

O **Cadish** recitado pelos enlutados tem duas variantes básicas: o **Cadish-latom** (mais curto) e o **Cadish Derabanan** (que intercala no meio a frase “Al Yisrael”). Após a leitura da Torá, é costume convocar-se um dos enlutados para recitar o **Meio-Cadish**, que é mais curto que o **Cadish-latom**.

Atualmente, todos os enlutados recitam o **Cadish** na sinagoga juntos; este costume é muito válido mas desde que todos recitem-no realmente juntos, palavra por palavra, para que os presentes possam responder **Amen** e **lehê Shemê Rabá** também juntos e por todos simultaneamente. Na casa onde se realiza a **Shivá**, uma pessoa que está recitando o **Cadish** por um parente seu não deve esperar os enlutados da casa recitarem o **Cadish** pelo recém-falecido e sim recitar o **Cadish** conjuntamente.

Ele deve ser recitado de pé, em posição de sentido, com os pés juntos, e de tal forma que as pessoas possam ouvi-lo e responder **Amen** e **lehê Shemê Rabá** etc. Nos primeiros dias, principalmente, deve-se lê-lo devagar e com atenção, para não adquirir erros de leitura, o que é muito freqüente, infelizmente.

Antes de pronunciar a última frase (**Osse Shalom**), deve-se dar 3 passos para trás, um pouco inclinado, como um servo que se afasta do seu amo, e fazer uma reverência para a esquerda, para a direita e para o meio, enquanto pronuncia toda a frase; espera-se um pouco e volta-se os três passos para frente.

²⁷ A fim de corrigir a diferença de 11 dias entre o ano solar (365 dias) e o lunar (354,5 dias), são acrescentadas 7 vezes um mês num ciclo de 19 anos.

Durante os 11 meses, é costume o enlutado, se souber e estiver apto, officiar as rezas na Sinagoga; se não todas, pelo menos a da noite; mas é costume que ele não officie as rezas no Shabat e no Iom Tov.

“A maneira mais importante de ganhar a Graça Divina, para os pais falecidos, e pela qual se honra a sua memória, é o modo de vida seguido pelos filhos - de retidão e praticando boas ações, e pela sua devoção aos caminhos de Deus. Na avaliação da vida dos pais, considera-se a influência que exerceram sobre os filhos. Em última análise, portanto, é a vida dos filhos que determina o valor dos anos que os pais passaram na terra.”²⁸

“Com a observância do **Cadish**, ocorre freqüentemente o retorno parcial, e ocasionalmente total, ao Judaísmo. Quando menos, o costume traz a pessoa enlutada de volta à sinagoga, fazendo reviver nela a familiaridade com o hebraico e a liturgia, e permitindo-lhe reservar diariamente uma pequena porção de seu tempo para a meditação. A insinuação de que o **Cadish** transforma nossa fé numa “religião dos mortos” é infundada; pelo contrário: se os mortos, com a sua morte, contribuem, de qualquer maneira, para restaurar a fé entre os vivos, então eles não terão morrido em vão. A ida diária à Sinagoga para dizer o **Cadish** é um dos atos mais misericordiosos e mais valiosos que os vivos podem praticar.”²⁹

PROIBIÇÕES DURANTE A SHIVÁ³⁰

Sapatos - Os enlutados não podem calçar sapatos de couro (mesmo apenas parcialmente).³¹ Podem calçar sapatos ou chinelos de pano, plástico ou de borracha, em vez de ficarem só de meias.

Cabelos - Os enlutados, tanto homens como mulheres não podem cortar os cabelos e aparar as unhas; os homens, além disso, não podem cortar a barba ou barbear-se. Pentear-se é permitido, mas não o uso de Gel.

²⁸ Extraído de “O Ser Judeu” do Rabino Hayim Halevy Donin, pág. 322.

²⁹ Extraído e adaptado de “Este é o meu Deus”, de Herman Wouk, pág. 145.

³⁰ Deve ficar claro que aquilo que for permitido no 1º período será, por analogia, permitido no 2º e 3º períodos, e o que for permitido no 2º, será também no 3º.

³¹ Cinto de couro é permitido.

Trabalho - Os enlutados não podem trabalhar, sejam eles autônomos ou empregados. Um Rabino deve ser consultado para as exceções, pois existem atenuantes para certos casos.

Banho - Não se pode tomar banho ou chuveiro, mesmo com água fria, por prazer, exceto em caso de grande desconforto. Lavar-se por motivos de higiene é permitido, mas só com água fria.

Cremes - É proibido passar cremes ou cosméticos em geral no corpo. Cremes ou pomadas, por motivos de saúde, é permitido.

Relação Conjugal - As relações conjugais são proibidas.

Roupas - Não é permitido lavar e passar roupas, bem como usar roupa nova ou recém-lavada e passada, nem trocar os lençóis; porém, se a que estiver usando ficar suja, poderá trocá-la.³² Limpar a casa, lavar os pratos e talheres e cozinhar é permitido.

Cumprimentar - Os enlutados não devem cumprimentar ninguém usando a expressão “Shalom”, mas podem dizer “Bom Dia”, “Boa Tarde” ou “Boa Noite”, ou mesmo desejar “Refuá Shelemá” a um doente, ou “Mazal Tov” a um amigo, por ocasião de alguma alegria na família deste, ou mesmo trocar um aperto de mãos.

Presentear - Os enlutados não devem enviar presentes, nem deve-se enviar a eles presentes durante este período; em Purim, os enlutados podem enviar **mishloach manot**, mas apenas para uma pessoa, pois trata-se de cumprir uma mitsvá (preceito religioso).

Torá - O estudo da Torá alegra o coração, sendo, portanto, proibido, exceto os livros que tratam das leis de luto ou os livros de Jó, Lamentações (**Echá**) e partes de Jeremias, que falam de aflição e angústia. Outras leituras são desaconselháveis, pois desviam a atenção do luto.

Tefilin - Os enlutados estão proibidos de colocar os Tefilin no primeiro dia de luto; não obstante, se o sepultamento ocorrer no dia posterior ao do falecimento, é recomendável colocá-los depois do enterro, mas com total discrição e sem as devidas bênçãos.

O **Talit** é usado normalmente.

³² Vide pág. 66, com relação a “Keriá”.

Alegria - Participar de qualquer festa, alegria ou entretenimento, como ouvir música ou assistir televisão, é proibido. Um enlutado sequer deverá segurar uma criança no colo, pois espontaneamente irá brincar com ela.

Um enlutado deve realizar o **Berit Milá** (circuncisão, “Bris”) de seu filho,³³ mesmo fora de casa, porém a refeição que se sucede deverá ser feita em casa. O mesmo se aplica ao **Pidion Haben** (resgate do primogênito)³⁴ e ao **Bar Mitsvá** (quando o jovem de 13 anos é chamado à Torá pela 1ª vez na Sinagoga, normalmente às 2^{as} e 5^{as} feiras).

Os enlutados não podem casar-se, mesmo quando a data já estava marcada.³⁵ Se um dos pais dos noivos estiver de luto, poderá participar da cerimônia, para não magoar aos noivos com sua ausência, porém deverá retirar-se na hora das músicas e não provar da comida.

Realizar um compromisso de noivado (sem festa) é permitido.

Durante a **Shivá** é desaconselhável discutir as questões de herança e testamento, bem como retirar da casa do falecido qualquer um de seus pertences. Definitivamente, esta não é a hora para isso.

³³ O Berit deve ser realizado no 8º dia do nascimento; se não for possível, em virtude do estado de saúde do bebê, um rabino deve ser consultado para se saber quando, após a recuperação do bebê, será permitido realizar o Berit. Se o parto for normal (e não cesariana), o Berit-Milá poderá ocorrer mesmo no Shabat (e até no Iom Kipur), se este for o 8º dia.

³⁴ Esta cerimônia é realizada a partir do 31º dia do nascimento de um menino, que é o primogênito para sua mãe, desde que nem o pai ou a mãe sejam Cohen ou Levi, o parto tenha sido normal (e não cesariana) e desde que a mãe não tenha sofrido nenhum aborto considerado como tal pela Lei Judaica.

³⁵ Nesse caso, os noivos poderão casar-se logo depois do término da Shivá. Se um falecimento vier a ocorrer após o casamento, o luto será iniciado depois do término da 1ª semana do casamento.

SHABAT DENTRO DA SHIVÁ³⁶

Na sexta-feira à tarde, aproximadamente uma hora e quinze minutos antes do pôr do sol,³⁷ os **aspectos externos** e públicos da **Shivá** são suspensos, e os enlutados podem preparar-se para receber o Shabat; nele, é proibido demonstrar sinais de luto, embora o Shabat conte normalmente como um dos 7 dias.

Os enlutados, portanto, devem calçar sapatos de couro, trocar a roupa rasgada e vestir roupas de Shabat normalmente, sair de casa para ir à Sinagoga,³⁸ sentar em cadeiras normais e cumprimentar a todos com “**Shabat Shalom**”; as mulheres não devem esquecer de acender as velas de Shabat.

Embora, a princípio, não se deva, pode-se consolar um enlutado no Shabat, porém não com a fórmula tradicional (vide pág. seguinte), exceto quando os enlutados, no **Cabalat Shabat** saem e retomam à sinagoga após o trecho **Lecha Dodi**, e a congregação os saúda com ela.

As demais proibições (de caráter íntimo) permanecem;³⁹ todas, porém, voltam a vigorar logo no término do Shabat, **após** a reza de **Arvit**, e os enlutados voltam a descalçar seus sapatos de couro, vestir a roupa rasgada e sentar-se no baixo.

³⁶ Se cair um lom Tov dentro da Shivá, vide pág 99.

³⁷ A idéia largamente difundida de que a Shivá é suspensa ao meio-dia, na sexta-feira, não tem base alguma na Lei Judaica.

³⁸ Mas não devem sentar-se nos seus locais habituais na Sinagoga, nem serem chamados à Torá, porém recitam o Cadish.

³⁹ O mesmo acontece quando ocorre um falecimento nos dias intermediários de Pessach e Sucot (Chol Hamoed), e o luto (em seus aspectos públicos) não vigora, porém os íntimos sim.

CONFORTAR OS ENLUTADOS⁴⁰

A preocupação com o bem-estar mental, emocional e espiritual dos enlutados, e a necessidade de consolá-los, é um dever fundamental no Judaísmo.⁴¹

Quando se entra em uma casa enlutada, não se cumprimenta os enlutados. Já que palavras não podem expressar adequadamente os profundos pêsames, e o que se diz é freqüentemente banal, é melhor não dizer nada. A Tradição ensina que o visitante não deve abrir a conversa com os enlutados, aguardando que estes o façam.

É próprio falar do falecido e recordar as suas boas qualidades, que o tornaram querido às pessoas que o conheciam. Os que deliberadamente evitam mencionar o falecido, achando que, desta forma, fazem o enlutado esquecer a sua dor, não entendem a psicologia da aflição. Falar sobre trivialidades, durante toda a visita, consola muito menos e magoa mais do que falar sobre o falecido.

Antes de deixar a casa dos enlutados, profere-se a fórmula tradicional⁴² de consolo:

המקום ינחם אותך / נקמה: אותך רבים: אותכם / בתוך שאר
אבלי ציון וירושלים.

Hamacom ienachem otchá /fem.: otach; plural: otchem/ betoch shear avelê Tsion virushaláyim.

HAMACOM - *Que Deus Te /plural: vos/ console junto com todos os que sofrem por Tsión e Jerusalém.*

Não é necessário dizer mais que isto, porém, pode-se acrescentar palavras de conforto e esperança, se assim se desejar e se a pessoa encontrar as palavras adequadas.⁴³

⁴⁰ Extraído de “O Ser Judeu”, do Rabino Hayim Halevy Donin, pág. 318.

⁴¹ Este preceito incide também sobre os jovens, mesmo que tenham pais vivos.

⁴² Os Sefaradim costumam dizer também: **Tenuchamu min hashamáyim** (Que o vosso consolo venha do céu) e **Lo tossífu ledaava od** (Que vocês não tenham mais tristezas). Os enlutados devem responder AMEN.

⁴³ É discutível a validade de consolar os enlutados pelo telefone.

TÉRMINO DA SHIVÁ

O período de **Shivá** termina na manhã do sétimo dia logo após a reza da manhã. O dia do enterro (e não do falecimento) conta como o primeiro dia, mesmo que este tenha ocorrido apenas momentos antes do pôr do sol.

Exemplos:

1) Se o enterro ocorreu na segunda-feira, a **Shivá** terminará no domingo de manhã.

2) Se o enterro ocorreu no domingo e o Shabat é o 7º dia, o procedimento é semelhante ao explicado na página 81; a única diferença é que, após o horário em que, normalmente, terminam no Shabat as rezas nas Sinagogas (aproximadamente 11 horas), o enlutado poderá estudar qualquer trecho da Torá e, no término do Shabat, as demais proibições (íntimas) que ainda vigoravam no Shabat passam a não vigorar mais⁴⁴ e a Shivá é encerrada.

Quando as rezas são realizadas na casa dos enlutados, ao término das mesmas na manhã do sétimo dia (quando não for Shabat), as pessoas passam na frente dos enlutados (que estão sentados no baixo) e dizem a fórmula de condolência tradicional; entre os Sefaradim, um dos condolentes recita ainda para eles os seguintes versículos:

לא יבא עוד שמשך וירחך לא יאסף, כי יהוה יהיה לך לאור עולם, ושלמו ימי אבלך, כאיש אשר אמו תנחמנו, כן אנכי אנחמכם ובירושלים תנחמו.

Lo iavô od shimshech virechech lo ieassêf, ki Adonai yihie lach leor olam, veshalmu iemê evlêch. Keish asher imo tenachamênu, ken anochi anachemchem, uvirushaláyim tenuchámu.

LO IAVÔ - *Não mais se porá o teu sol, nem a tua lua minguará, porque o Eterno será a tua luz perpétua, e os dias do teu luto acabarão. Como aquele que é consolado por sua mãe, assim Eu vos consolarei, e em Jerusalém vós sereis consolados.*

⁴⁴ Exceto as que permanecem no período de Sheloshim subsequente.

Essa pessoa (um homem para os enlutados e uma mulher para as enlutadas) pede aos enlutados que se levantem, estende para eles suas duas mãos e levanta-os do chão, e assim é dada por encerrada a **Shivá**.

Se não estiverem realizando as rezas na casa dos enlutados, estes deverão “levantar” da **Shivá** no horário em que, normalmente, terminam as rezas da manhã nas Sinagogas (o que, nos dias úteis, acontece às 7h30).

Em algumas comunidades, é costume que os enlutados, após calçarem seus sapatos normais e trocarem a roupa rasgada, saiam de casa para dar um passeio pela rua (alguns dão a volta no quarteirão), com a finalidade de “acompanhar a alma” que agora deixa a casa na qual realizou-se a **Shivá**. Nessa ocasião, despeja-se a água do copo no meio fio e guarda-se o paninho para a cerimônia de **Sheloshim** e deixa-se a vela esvair-se por si só.

Em outras comunidades, dependendo do estado físico e moral dos enlutados, costuma-se visitar o túmulo neste dia (se for Shabat, então no domingo) e rezar pela alma do falecido os Salmos 33, 16, 17, 72, 91, 104, 130 e as estrofes alfabéticas do 119 que compõem a palavra **Neshamá** (alma) e o nome do falecido; os enlutados (ou um dos presentes) recita o **Cadish-latom**, se houver 10 pessoas próximas à sepultura (caso contrário, o Cadish não é recitado) e a prece rememorativa **El Male Rachamim**.

A pessoa que, por qualquer motivo (exceto doença) não cumpriu nenhuma das observâncias da **Shivá** durante os sete primeiros dias, deverá compensá-la por 7 dias dentro dos primeiros trinta dias. A **Keriá**, porém, só deverá ser feita por seus pais. Mas se cumpriu alguma das observâncias da **Shivá**, mesmo que não durante os 7 dias, ou mesmo apenas no 7º dia, cumpriu sua obrigação e não precisa compensá-la.

A pessoa que tomou conhecimento do falecimento de um parente mas estava acamada durante os 7 dias da **Shivá** não precisa compensá-la depois de sua recuperação, visto que alguns dos procedimentos da **Shivá** foram deveras cumpridos.

Após 30 dias do falecimento, se não cumpriu a observância da **Shivá**, deverá guardar a **Shivá** por uma hora, ao ouvir a notícia. Se estava compensando a **Shivá** e chegou o 30º dia, deverá interrompê-la.

SHELOSHIM

O segundo período de luto é conhecido como **Sheloshim** (“trinta”); este inicia-se com o fim da **Shivá**, no 7º dia após o enterro, e estende-se por mais 23 dias, até o nascer do sol do 30º dia após o enterro.

Neste período, os enlutados reiniciam suas atividades normais, porém permanecem proibidos de algumas coisas:

Cabelos - Os enlutados, tanto homens como mulheres, não podem cortar os cabelos e aparar as unhas; os homens, além disso, não podem cortar a barba ou barbear-se.

Roupas Novas - Não é permitido comprar e usar roupas novas (exceto roupas de baixo).

Alegria - Participar de qualquer festa, alegria ou entretenimento, como ouvir música, assistir televisão ou ir ao teatro ou cinema, é proibido.

Da mesma forma, os enlutados não podem casar-se, exceto se o noivo ainda não tem filhos e a data já estava marcada, ou quando o casamento foi transferido da **Shivá**. Nesses casos, as demais proibições ficam suspensas, podendo haver na festa música e dança. As restrições retornarão apenas após a 1ª semana do casamento, que é contada como parte dos **Sheloshim**.

Participar de cerimônias de **Berit Milá** (circuncisão), **Pidion Haben** (resgate do primogênito) ou **Bar-Mitsvá** (quando o jovem de 13 anos é chamado à Torá pela 1ª vez na Sinagoga, normalmente às 2^{as} e 5^{as} feiras), assim como de reuniões comerciais ou de assuntos referentes à comunidade, é permitido; quanto a participar da refeição que as sucede, as opiniões divergem e convém consultar uma autoridade religiosa.

Se um dos pais dos noivos estiver de luto, poderá participar da cerimônia de casamento e do jantar que se sucede, para não magoar aos noivos com sua ausência, mas desde que ajude servindo os convidados e retire-se na hora das músicas.

Viajar - Viajar a passeio ou turismo é desaconselhável; a negócios, mesmo para o exterior, é permitido.

Presentear - Os enlutados não devem enviar presentes, nem se deve enviar a eles presentes durante este período; em Purim,

os enlutados podem enviar **mishlôach manot**, mas apenas para uma pessoa, pois trata-se de cumprir uma **mitsvá** (preceito religioso). Como existem divergências na Lei Judaica, é caso de se consultar o rabino.

É costume, nesse período, que os enlutados não se sentem nos seus locais habituais na Sinagoga.

O preceito de confortar os enlutados vigora nesse período também.

Costuma-se visitar o túmulo no 30º dia; se for Shabat, pode-se visitá-lo na sexta-feira ou no domingo.

Na cerimônia que se realiza no cemitério por ocasião dos 30 dias do enterro (**Sheloshim**), enterra-se o pedaço de tecido da mortalha na sepultura do falecido, recita-se os Salmos 33, 16, 17, 72, 91, 104, 130 e as estrofes alfabéticas de 119 que compõem a palavra **Neshamá** (alma) e o nome do falecido; os enlutados (ou um dos presentes) recita o **Cadish-latom**, se houver 10 pessoas próximas à sepultura (caso contrário, o Cadish não é recitado) e a prece rememorativa **Ei Male Rachamim**.

Na cerimônia dos **Sheloshim** é permitido fazer discursos fúnebres (**Hesped**), principalmente se na ocasião do enterro não foi possível fazê-lo por qualquer razão.

Com estes procedimentos, dá-se por encerrado o processo de luto por cinco dos sete parentes - filho e filha, irmão e irmã e esposa/esposo. As excessões são pai e mãe, sobre os quais, e exclusivamente sobre eles, respeitar-se-á o terceiro período.

A pessoa que, por qualquer motivo, não cumpriu a observância dos **Sheloshim**, não precisará compensá-las posteriormente.

AVELUT (12 meses)

O terceiro período de luto, observado exclusivamente pela morte de pai ou mãe, é conhecido como **Avelut** ("luto"); este inicia-se ao nascer do sol do 30º dia do enterro (**Sheloshim**) e estende-se por doze⁴⁵ meses (hebraicos), até o primeiro aniversário do

⁴⁵ Não confundir com o Cadish, que é recitado por 11 meses.

falecimento (e não do enterro). Entretanto, se o enterro aconteceu dois ou mais dias após o falecimento, a **Avelut** só será encerrada no aniversário do enterro; nos anos seguintes, a data a ser comemorada será a do falecimento.

Exemplos: se uma pessoa faleceu no dia 7 do mês hebraico de Shevat e for enterrada no dia seguinte, o período de doze meses encerrar-se-á ao entardecer do dia 7 de Shevat do ano seguinte. Porém, se o ano em curso foi de 13 meses, a Avelut será encerrada no dia 7 de Tevet (mês anterior), quando completa-se um período de 12 meses (embora não coincida com o aniversário da morte).

Neste período, algumas poucas proibições permanecem:

Cabelos - Os enlutados, tanto homens como mulheres, poderão cortar o cabelo logo no 31º dia após o enterro, desde que seus amigos venham e advertam-nos (**Gueará**) sobre a conveniência de cortarem seus cabelos. Se os amigos não os advertirem, eles poderão cortá-los somente ao se passarem 3 meses. As unhas podem ser aparadas mesmo no 30º dia. A barba - mesmo se os amigos não o advertirem, poderá cortá-la⁴⁶ alguns dias após o 30º dia.

Roupas Novas - Não é permitido comprar e usar roupas novas (exceto roupas de baixo). Utensílios domésticos e móveis é permitido.

Alegria - Participar de qualquer festa, alegria ou entretenimento, como ouvir música, assistir televisão ou ir ao teatro ou cinema, é proibido.

Casar é permitido, mesmo se ainda não havia marcado a data.

Participar de cerimônias de **Berit Milá** (circuncisão), **Pidion Haben** (resgate do primogênito) ou **Bar-Mitsvá** (quando o jovem de 13 anos é chamado à Torá pela 1ª vez na Sinagoga,

⁴⁶ Cabe ressaltar que o uso de gilete, navalha ou lâmina de barbear é proibido pelo judaísmo; a solução é o barbeador elétrico, pois as lâminas não entram em contato direto com a pele.

normalmente às 2^{as} e 5^{as} feiras), assim como de reuniões comerciais ou de assuntos referentes à comunidade, é permitido; quanto a participar da refeição que as sucede, as opiniões divergem e convém consultar uma autoridade religiosa.

Se um dos pais dos noivos estiver de luto, poderá participar da cerimônia de casamento e do jantar que se sucede, para não magoar aos noivos com sua ausência, mas desde que ajude servindo os convidados e retire-se na hora das músicas.

Viajar - Viajar a passeio ou turismo é desaconselhável; a negócios, mesmo para o exterior, é permitido.

Presentear - Os enlutados não devem enviar presentes, nem se deve enviar a eles presentes durante este período; em Purim, os enlutados podem enviar **mishlôach manot**, mas apenas para uma pessoa, pois trata-se de cumprir uma **mitsvá** (preceito religioso).

É costume, nesse período, que os enlutados não se sentem nos seus locais habituais na Sinagoga.

O preceito de confortar os enlutados pelo falecimento de seus pais vigora nesse período também.

Ao mencionar o nome de seus pais falecidos nesse período, é costume acrescentar a expressão: **Arêni caparat mishcavô**/ feminino: **mishcavá**/ (“Que eu seja a expiação pelos seus atos”). Após os 12 meses, a expressão usada é **Zichronô** / feminino: **Zichroná/Livrachá** (“De abençoada memória” - ז"ל - ז"ל).

Costuma-se chamar o enlutado, na Sinagoga, como **Maftir**,⁴⁷ durante os 12 meses, e os enlutados costumam doar livros à Sinagoga, nesse período, escrevendo neles o nome do falecido, para que a alma deste beneficie-se do estudo ou da oração que emanarem desses livros.

Costuma-se visitar o túmulo no dia em que se completam os 12 meses; se for Shabat, pode-se visitá-lo na sexta-feira ou no domingo.

Terminados os doze meses, é proibido continuar as práticas ou abstenções que manifestem a continuação do luto. O Judaísmo é

⁴⁷ Pessoa chamada à Torá após o término da leitura no Shabat e nas Festas, e que é encarregada de ler a HAFTARÁ (trecho dos Profetas).

rigoroso ao restringir o luto a determinados períodos e às praxes costumeiras. O pesar excessivo é considerado como falta de confiança em Deus. Considera-se natural e desejável que, com o tempo, se desfaça a mágoa causada pela morte.

Embora ninguém continue sendo o mesmo depois de um transe desses, espera-se que, uma vez cessado o luto, seja retomado o curso normal da vida, abolindo, em prol da própria vida, todos os resquícios de pesar.

A marca permanece, mas a vida retoma o seu curso.

MATSEVÁ

O costume de colocar-se uma lápide à cabeceira do túmulo remonta a tempos bíblicos: “E erigiu Jacob um monumento (**Matsevá**) sobre a sua (de Rachel) sepultura” (**Gênesis 35,20**).

A colocação da pedra tumular é um ato de reverência e respeito pelos falecidos, para não serem esquecidos, para que seu local de repouso não seja profanado e para perpetuar seus nomes. Segundo a Cabalá, a **Matsevá** propicia abrigo para uma pequena fração da alma que paira sobre o túmulo.

Esta obrigação recai sobre os familiares do falecido.

É difundido o costume de colocar-se a lápide após 12 meses.

O motivo deste costume é que, durante o primeiro ano, os falecidos são lembrados diariamente pelos enlutados, não havendo, portanto, necessidade de uma lápide. Contudo, não há regulamentos definitivos sobre isto, e é correto, sob o ponto de vista religioso, colocar a pedra tumular o mais breve possível após os 7 dias iniciais. Em Israel, por exemplo, o costume é colocá-la logo após os **Sheloshim** (trinta dias).

Os sábios aconselham simplicidade (e não ostentação) na confecção da lápide; nela deve estar gravado ou escrito o nome do falecido/a e o nome de seu pai (os sefaradim usam o nome da mãe), se era Cohen ou Levi, a data do seu falecimento pelo calendário judaico e o acróstico **תנצב"ה** que significa: “Possa sua alma estar ligada à corrente da vida eterna”. Não se deve acrescentar elogios em demasia na lápide, nem fazer constar nela a data civil do falecimento.

É mais adequado usar na lápide letras gravadas na pedra em baixo-relevo, e não em alto-relevo.

É importante distinguir entre a necessidade de se colocar uma pedra tumular, que é um costume antigo e consagrado, e entre o descerramento da lápide, que é acompanhado por um serviço ritual especial. O ritual do descerramento (ou “descoberta”), embora também muito difundido atualmente,⁴⁸ não tem base na lei Judaica e é uma inovação contemporânea. Ainda que proporcione mais uma oportunidade para render-se homenagem a uma pessoa digna, nenhuma família precisa sentir-se obrigada pela religião a organizar uma cerimônia formal de descerramento. É suficiente colocá-la adequadamente e visitar o túmulo em caráter particular.

IORTSEIT

A data do falecimento dos pais é rememorada anualmente através de algumas práticas religiosas; esta data representa para a alma a possibilidade de ascensão nos “degraus” da santidade espiritual, e é observada com carinho e respeito pelos filhos dos falecidos.

No primeiro ano, o **lortseit** coincide com o dia do término do período de 12 meses (exceto em anos de 13 meses), isto é, se o enterro ocorreu dois ou mais dias após o dia do falecimento, o primeiro **lortseit** acontecerá no primeiro aniversário do enterro (quando encerra-se o período de 12 meses); nos anos seguintes, a data a ser rememorada será a do falecimento.

Por exemplo: se uma pessoa faleceu no dia 7 do mês hebraico de Shevat (sexta-feira) e foi enterrada no dia 9 (domingo), o primeiro **lortseit** acontecerá no dia 9 de Shevat do ano seguinte, junto com o término do período de 12 meses; nos anos seguintes, o **lortseit** acontecerá no dia 7 de Shevat (data do falecimento). Porém, se o ano em curso for de 13 meses, o **lortseit** acontecerá

⁴⁸ Nessa cerimônia recita-se os Salmos 33, 16, 17, 72, 91, 104, 130 e as estrofes alfabéticas de 119 que compõem a palavra Neshamá (alma) e o nome do falecido; os enlutados (ou um dos presentes) recita o Cadish-latom, se houver 10 pessoas próximas à sepultura (caso contrário, o Cadish não é recitado), e a prece rememorativa El Malê Rachamim (“Ó Deus, que é pleno em misericórdia...”).

no dia 7 de Shevat do ano seguinte (data do falecimento), embora o período de 12 meses tenha encerrado-se no dia 7 de Tevet (mês anterior a Shevat).

Nesse dia, os filhos devem recitar o **Cadish** no ofício noturno da véspera e nos ofícios da manhã e da tarde daquele dia. Sempre que possível, devem eles mesmos conduzir os serviços religiosos e devem procurar ser chamados à Torá para uma “**aliyá**”, ou no próprio dia ou no Shabat anterior ou em ambos.

É costume acender na véspera uma vela ou uma lamparina de azeite (ou mesmo uma “vela elétrica”) ⁴⁹ que fique acesa por 24 horas, em memória do falecido, baseado no versículo “A alma do homem é a lâmpada do Eterno”. A chama deve apagar-se sozinha, mesmo passadas as 24 horas.

Este dia é especialmente indicado para boas ações, atos de solidariedade humana e contribuições à caridade, em intenção da alma do falecido.

Costuma-se visitar o túmulo no dia do **lortseit** e recitar os Salmos 33, 16, 17, 72, 91, 104, 130 e as estrofes alfabéticas do 119 que compõem a palavra **Neshamá** (alma) e o nome do falecido; se houver 10 pessoas próximas ao túmulo, recita-se o **Cadish-latom** (caso contrário, não), e a prece rememorativa **El Malé Rachamim** (“Ó Deus, que é pleno em misericórdia...”).

Outro costume nesse dia é jejuar, exceto nos dias em que as preces de súplicas (**Tachanun**) não são recitadas.⁵⁰

Algumas pessoas, quando vão visitar o túmulo dos pais no dia do **lortseit**, não visitam nenhum outro túmulo.

Se a data do falecimento é ignorada, deve-se escolher uma data qualquer e fixá-la anualmente como o dia do **lortseit**.

Uma pessoa que esqueceu de recitar o **Cadish** no dia do **lortseit**, deverá compensar recitando-o em outro dia qualquer.

Nesse dia, desde o entardecer da véspera do **lortseit** pelos pais, um filho não deverá participar de festas, especialmente de casamentos, até o entardecer.

⁴⁹ Na sexta-feira, deve-se acendê-la (ou ligá-la) antes do pôr do sol, para não violar o Shabat.

⁵⁰ Vide observação 52 sobre quais são esses dias.

Alguns casos interessantes:

- O **lortseit** de uma pessoa que faleceu no mês de Adar de um ano normal de 12 meses será, num ano de 13 meses, no 2º Adar;

- O **lortseit** de uma pessoa que faleceu no mês de Adar de um ano de 13 meses será:

A) num ano de 12 meses será sempre no próprio Adar (só tem um);

B) num ano de 13 meses será no Adar correspondente ao do ano do falecimento (se faleceu no 1º, o **lortseit** será no 1º; se faleceu no 2º, no 2º).

- O **lortseit** de uma pessoa que faleceu no primeiro dia de Rosh Chodesh Kislev ou Tevet ⁵¹ será sempre de acordo com o primeiro **lortseit** após o falecimento; ou seja:

A) se no ano seguinte ao falecimento, o mês anterior a Kislev (ou Tevet), que é Cheshvan (ou Kislev), for de 29 dias, o **lortseit** será no dia 29 de Cheshvan (ou 29 de Kislev), mesmo nos anos em que Cheshvan (ou Kislev) tenha 30 dias.

B) Se no ano seguinte ao falecimento o mês de Cheshvan (ou Kislev) for de 30 dias, o **lortseit** será no 30º dia (1º dia do Rosh Chodesh), e nos anos seguintes sempre no Rosh Chodesh (mesmo que seja de apenas 1 dia).

- O **lortseit** de uma pessoa que faleceu no Rosh Chodesh Kislev (1º de Kislev) será sempre no Rosh Chodesh Kislev, e mesmo se Cheshvan (mês anterior) tiver 30 dias, o **lortseit** será no 2º dia de Rosh Chodesh (1º de Kislev).

- O mesmo se aplica ao Rosh Chodesh Tevet; neste caso deve-se usar o dia do mês como critério, e não o dia de Chanucá correspondente, pois este pode variar quando o Rosh Chodesh for de 2 dias.

- O **lortseit** de uma pessoa que faleceu no 1º dia do Rosh

⁵¹ No calendário judaico, os meses têm 29 ou 30 dias. O primeiro dia do mês é denominado Rosh Chodesh. Quando um mês tem 30 dias, o trigésimo dia e o primeiro do mês seguinte são Rosh Chodesh, sendo o 30º - o primeiro dia de Rosh Chodesh e o 1º do mês - o segundo dia de Rosh Chodesh.

Chodesh do segundo Adar (ou seja, no 30º dia do primeiro Adar) será, num ano de 12 meses, no 1º dia do Rosh Chodesh Adar (ou seja, no 30º dia do mês de Shevat).

VISITAS AO CEMITÉRIO

Remonta à época dos Patriarcas o costume de visitar-se o túmulo dos familiares falecidos. Segundo a Cabalá, a alma do falecido é confortada, espiritualmente, quando seus filhos, familiares ou amigos vêm ao seu túmulo orar por ela e pelo seu repouso.

Deve-se entrar no cemitério trajado decorosamente, mesmo nos dias quentes do verão, com o devido respeito e senso de reverência, e com a cabeça coberta.

No primeiro ano após o falecimento, não se deve visitar muito o túmulo, mesmo que para orar pela ascensão da alma.

Além das visitas no 7º e 30º dias e no dia que completar 12 meses, costuma-se visitar o túmulo dos falecidos na data anual do falecimento (**lortseit**), na véspera de Rosh Hashaná e na véspera de Iom Kipur.

É costume abster-se de visitar o cemitério nos dias em que as preces de súplicas (**Tachanun**) não são recitadas.⁵² Mesmo nas exceções, a prece rememorativa **El Malê Rachamim** (“Ó Deus, que é pleno em misericórdia...”) é omitida.

Uma pessoa que não visitou um cemitério judaico há 30 dias, deve recitar a bênção **Asher iatsar etchem badin** (vide pág. 64).

Quando se visita um túmulo no 7º e 30º dias, no dia em que completar 12 meses, e no dia do **lortseit**, é costume recitar os Salmos 33, 16, 17, 72, 91, 104, 130 e as estrofes alfabéticas do 119 que compõem a palavra **Neshama** (alma) e o nome do

⁵² Os dias em que as preces de súplicas (Tachanun) não são recitadas são: Shabat, Iom Tov, Chol Hamoed, Rosh Chodesh, Chanucá, Tu Bishvat, 14 e 15 de Adar I (Purim Catan), dois dias de Purim, todo mês de Nissan, Iom Haatsmaut, 14 de Iyar (Pessach Sheni), Lag Baomer, 28 de Iyar (Libertação de Jerusalém), de Rosh Chodesh Sivan até dia 12 do mesmo, Tishá Beav, Tu Beav, véspera de Rosh Hashaná, da véspera de Iom Kipur até Rosh Chodesh Cheshvan.

falecido. Se houver 10 pessoas próximas ao túmulo, recita-se o Cadish (caso contrário, não) e a prece rememorativa **Ei Malê Rachamim** (“Ó Deus, que é pleno em misericórdia...”).

Ao visitar-se um túmulo, nas outras ocasiões, costuma-se colocar (e não apoiar) a mão esquerda (e não a direita) sobre a lápide e dizer:

ונחך יהוה תמיד, והשביע בצחצחות נפשך ועצמתך יחליף, והיית כגן רוה
וכמוצא מים, אשר לא יכזבו מימיו, ובנו ממך חרבות עולם, מוסדי דור ודור
תקומם, וקורא לך גודר פר. משובב נתיבות לשבת, תשכב בשלום עד בא
מנחם משמיע שלום.

Venachachá Adonai tamid, vehisbia betsach'tsachot nafshêcha,
veatsmotêcha iachalits, vehayita kegán ravê uchemotsá máyim,
asher lo iechazvú meimav. Uvanu mimechá chorvot olam, mosdê
dor vador tecomem, vecore lechá goder pérets meshovev
netivot lashávet. Tishcav beshalom ad bo menachem mashmía
shalom.

VENACHACHÁ - *E te guiará o Eterno continuamente, e fartará a tua alma mesmo na estiagem; teus ossos fortalecerá e serás como um jardim bem irrigado e como um manancial abundante, cujas águas não diminuem. De ti reconstruirão os destroços do mundo; os alicerces eternos Ele erguerá e chamará a ti de reparador das brechas. Repousa em paz, até a vinda do consolador, que prenunciará a paz.*

É louvável recitar Salmos e destinar fundos à caridade em nome do falecido. O **Cadish** só pode ser pronunciado quando na presença de 10 pessoas nas proximidades do túmulo.

Não se deve visitar o mesmo túmulo 2 vezes no mesmo dia.

É costume acender velas ao lado do túmulo em intenção da alma do falecido. Antes de afastar-se, é costume colocar uma pedrinha em cima do túmulo (flores, não).

À saída do cemitério, deve-se lavar as mãos da forma ritual (vide pág. 70).

COHEN

É proibido a um Cohen, descendente da tribo sacerdotal, entrar em contato com um morto, e assim, impurificar-se. Esta proibição não se refere apenas ao contato físico, como também à presença em recintos onde há um morto presente, independentemente do tamanho do recinto. Todos os outros recintos ligados por aberturas ou passagens estão incluídos nesta proibição.

Depois de removido o corpo do recinto ou do prédio, o Cohen pode entrar neles, porque o “espírito da impureza” se afasta junto com o corpo.

Se, estando em seu apartamento, vier a saber que há em outro apartamento um morto, deverá fechar as portas e as janelas do seu e sair apenas depois da remoção do falecido do prédio.

Mesmo sob céu aberto, um Cohen não pode aproximar-se de um túmulo a uma distância menor do que 2 metros; é por esse motivo que os Cohanim são enterrados nas primeiras fileiras do cemitério e esquinas.

O Cohen não pode entrar em um velório, nem na **BêT Tahará** (Casa de Purificação), onde o corpo é lavado e purificado, nem nas salas adjacentes.

O Cohen deve seguir as leis e restrições de luto normais para os mesmos 7 parentes que as demais pessoas, ou seja, pai e mãe, filho e filha, irmão e irmã (de parte de pai ou mãe) e esposa.

Quanto a impurificar-se, o Cohen tem esta obrigação apenas e exclusivamente para com os seguintes parentes: pai e mãe, filho e filha, irmão e irmã solteira da parte do pai, e esposa.

As restrições relativas à impurificação do Cohen referem-se tão somente aos homens, e não à mulher ou filhas de um Cohen.

PRECES REMEMORATIVAS

O costume de reverenciar a memória dos mortos, através de preces e de bons atos, como o cumprimento de **mitsvót** e o estudo da Torá, visa proporcionar à alma do falecido méritos que a façam ascender nos “degraus” da santidade espiritual.

Quando oramos, devemos pedir piedade a Deus pelos mortos, para que tenham expiação (**Capará**) e perdão, e também pelos vivos, a fim de que, pelo mérito dos mortos, Ele nos conceda misericórdia, paz e bem-estar.

Segundo a Tradição, esta reza é bem recebida por Deus, em favor dos vivos e dos mortos, quando acompanhada pela caridade praticada naqueles dias.

Por este motivo, o próprio texto das preces já preconiza que será destinado um donativo à caridade em nome da alma rememorada (“... porquanto comprometo-me... doar caridade em seu favor...”).

Segundo a Cabalá, quando se rememora um falecido, a alma deste desce do lugar de repouso e não volta até que se tenha pago o donativo feito em seu nome. Por isso, deve-se saldar esse compromisso logo no dia seguinte, sem nenhuma demora.

São duas as preces rememorativas: **El Malê Rachamim e Yizcor**.

Nessas preces, intercala-se o nome hebraico do falecido/a e sua filiação paterna (os sefaradim usam a filiação materna na “**Hashcavá**”), e elas devem ser recitadas em hebraico.

Embora o ideal seja recitá-las na presença de 10 pessoas, é permitido recitá-las individualmente.

Um marido pode rezá-las por sua esposa falecida mesmo depois de casado novamente. Pode-se rezá-las também por um suicida.

EL MALÊ RACHAMIM

A prece **El Malê Rachamim** (“Ó Deus, que é pleno em misericórdia...” costuma ser recitada após o enterro, no 7º e no 30º dias após o enterro, ao término dos 12 meses, no dia do **Iortseit** (data anual do falecimento), e depois da prece **Yizcor**. Nos dias em que as preces de súplicas (**Tachanun**) são omitidas, esta prece não é recitada.⁵³

⁵³ Vide a relação na observação anterior.

Em quatro ocasiões no ano recita-se **Yizcor**: no oitavo dia de Pessach, no 2º dia de Shavuót, em Iom Kipur e em Shemini Atsérêt, mesmo que essas datas coincidam com o Shabat.

Nesses dias, é costume acender uma vela, ou uma lamparina de azeite, que fique acesa por 24 horas, para cada alma que venha a ser rememorada. A vela deve apagar-se por si só.

Quem acender em casa, deverá fazê-lo preferivelmente na véspera; quem esqueceu, poderá acendê-la na sinagoga no próprio dia, desde que usando uma outra chama, que tenha sido acesa antes do início do Iom Tov. Se for Shabat, deverá trazer as velas à Sinagoga na véspera, pois é proibido transportar (inclusive o Talit ou o Sidur) por vias públicas no Shabat. Se esqueceu, deve acendê-las em casa, antes das velas de Shabat.

No Iom Kipur, deve trazê-las e acendê-las necessariamente na véspera, antes das velas de Iom Kipur e do Col Nidrê, tanto em casa como na Sinagoga. Se esqueceu, deverá acendê-las em outro dia qualquer e não acendê-las profanando a santidade do Iom Kipur.

No caso de uma “vela elétrica”, em qualquer dos casos deverá acendê-la na véspera do Iom Tov ou do Iom Kipur ou do Shabat, antes das velas daquele dia.

É costume que, quem tem pais vivos, retire-se da Sinagoga na hora em que recita-se **Yizcor**, para não presenciar a aflição dos que sofreram uma perda e para evitar o mau-olhado.

O enraigado costume de que os enlutados, dentro dos 12 meses, devem retirar-se também da Sinagoga (pois podem vir a perder o controle emocional e atrapalhar os demais) é questionado por muitas autoridades religiosas. Alguns sustentam que, pelo contrário, para a alma do falecido é um benefício rememorá-la dentro dos 12 meses! Outros sugerem que permaneçam na Sinagoga, mas não recitem a prece, e outros, para evitar que se polemize dentro da Sinagoga, sugerem que retirem-se mas rezem **Yizcor** no lado de fora.

NOTÍCIA COM ATRASO

Uma pessoa que recebe com atraso a notícia do falecimento de um dos 7 parentes, pelos quais deve observar as leis de luto, - a **Shivá** e suas leis passam a vigorar naquele momento. Se o resto da família ainda estiver no meio do período da **Shivá**, ela pode juntar-se a ela (mesmo que tenha de viajar para tanto) e “levantar-se” da **Shivá** no mesmo dia que os outros membros da família. Caso não possa juntar-se aos outros, ou se a **Shivá** já tiver terminado, mas não se passaram 30 dias do falecimento, o dia da notícia é contado como primeiro dia da **Shivá** para ela.

Neste caso, deverá rasgar uma roupa (**Keriá**), não colocar os **Tefilin** neste dia, fazer a “refeição do consolo” (**Seudat Havraá**) e cumprir todas as restrições da **Shivá**. O período de **Sheloshim** terminará ao amanhecer do 30º dia após ter recebido a notícia, mas os 12 meses serão contados a partir do dia do falecimento.

Se o dia em que receber a notícia for Shabat, ele será contado como o primeiro dia; a **Keriá**, entretanto, fará no sábado à noite; porém, se o Shabat (ou o Iom Tov) for o 30º dia, no sábado à noite já será o 31º dia e a observância será como se recebesse a notícia após o 30º dia. (vide a seguir)

Se a notícia do falecimento for recebida depois do 30º dia após o falecimento, não se observará a **Shivá**. O enlutado apenas precisa tirar os sapatos e sentar-se numa cadeira baixa durante alguns minutos, recitar a bênção “**Juíz da verdade**” (vide pág. 65) e com isso dá-se por encerrada a observância simbólica do luto. Se o falecido for um de seus pais, deverá rasgar suas roupas (**Keriá**), e não cortar os cabelos, unhas e barba por 30 dias, observar o período de 12 meses (a contar do falecimento) e recitar o **Cadish** até completar 11 meses do falecimento.

Se a notícia do falecimento for recebida depois dos 12 meses, deverá rasgar suas roupas (**Keriá**) e “sentar-se” por alguns minutos, apenas por seus pais; pelos demais parentes, não há qualquer observância.

Uma pessoa que não ficou sabendo do falecimento de um familiar seu, não é necessário avisá-la; se ela perguntar por ele, não se deve mentir e dizer que está bem, nem dizer que ele

morreu; deve-se fazer a pessoa entender indiretamente que ele não mais se encontra entre os vivos.

Não obstante, deve-se procurar uma forma de fazer chegar esta notícia ao conhecimento dos filhos homens do falecido para que possam recitar o **Cadish** em intenção da sua alma.

INTERRUPÇÃO DO LUTO

As Festas Judaicas bíblicas interrompem e anulam **um** dos períodos de luto. Por Festas (ou lom Tov) , nesse contexto, estão incluídas: Pessach, Shavuót, Sucot, Shemini Atséret, Rosh Hashaná e lom Kipur.⁵⁴ A razão, segundo a Cabalá, é que as Festas anulam o “veredito celestial” sobre a alma.

Ou seja: uma pessoa que estava observando, por exemplo, o 3º dia do período de **Shivá** e chegou um lom Tov, a **Shivá** é encerrada (mesmo faltando 4 dias) e, após o lom Tov, a pessoa já estará nos **Sheloshim** (2º período). O mesmo ocorrerá se a pessoa cumpriu por pelo menos alguns minutos uma das observâncias da **Shivá**, como tirar os sapatos, antes da entrada do lom Tov; nesse caso, a **Shivá** será interrompida e encerrada (mesmo faltando 6 dias) e a pessoa poderá, até mesmo, banhar-se antes do lom Tov.

Mas se o enlutado não cumpriu sequer uma observância de luto antes do lom Tov, seja qual for o motivo (exceto doença), ou porque não houve tempo antes do lom Tov, ou porque só ficou sabendo do falecimento no próprio lom Tov ou depois dele, – depois da Festa será necessário observar o luto normalmente;⁵⁵ durante a Festa, deverá observar as proibições de caráter íntimo (relações conjugais, banho, etc.).

⁵⁴ As festas pós-bíblicas de Purim, Chanucá, lom Haatsmaút e lom Ierushaláyim não interrompem a Shivá, nem reduzem os Sheloshim, embora seja permitido ao enlutado ir (acompanhado) à Sinagoga em Purim para ouvir a leitura da Meguilá (rôlo) de Ester.

⁵⁵ Embora não vigorem as leis de luto no 8º dia de Pessach, no 2º dia de Shavuót e no 9º dia de Sucót, eles são contados como o 1º dia da Shivá, restando outros 6 para encerrá-la.

À exceção do luto pelos pais, o mesmo sucederá com o período de **Sheloshim** (trinta dias). Uma pessoa que “levantou-se” da **Shivá** no 7º dia e entrou, portanto nos **Sheloshim** - se naquele dia, ao entardecer, for Iom Tov, as observâncias dos **Sheloshim** serão interrompidas (mesmo faltando 23 dias) e o enlutado poderá cortar o cabelo, aparar as unhas e barbear-se alguns minutos antes do Iom Tov.

Em caso de luto dos pais, é sempre necessário contar efetivamente 30 dias para o término dos Sheloshim em qualquer hipótese.

A seguir, o detalhamento, caso a caso, de como as Festas interrompem e reduzem o período de **Shivá** e **Sheloshim**, quando cumpriu-se, por apenas alguns minutos, pelo menos uma das observâncias da **Shivá**:

Pessach - Os poucos minutos (ou dias) cumpridos valerão por 7 dias; com mais 8 dias de Pessach (= 15); restarão 15 dias após o Pessach para completar os **Sheloshim**. *

Se já havia terminado a **Shivá**, os **Sheloshim** estarão encerrados logo após o meio-dia, e deverá cortar o cabelo e barbear-se mesmo antes do meio dia. *

Shavuót - Os poucos minutos (ou dias) cumpridos valerão por 7 dias; os 2 dias da Festa valerão por 8 dias (= 15); restarão 15 dias após Shavuót para completar os **Sheloshim**. *

Se já havia terminado a **Shivá**, os **Sheloshim** estarão encerrados alguns minutos antes da entrada do Iom Tov. *

Rosh Hashaná - Os poucos minutos (ou dias) cumpridos valerão por 7 dias; depois dos 2 dias de Rosh Hashaná, deverá cumprir as observâncias de **Sheloshim** por 7 dias, até algumas horas antes da entrada do Iom Kipur, quando poderá cortar o cabelo e barbear-se,* pois os **Sheloshim** estarão encerrados.

Se já havia terminado a **Shivá**, os **Sheloshim** estarão encerrados alguns minutos antes da entrada do Iom Tov. *

* Exceto em caso de luto por seus pais, quando é necessário contar efetivamente 30 dias.

Iom Kipur - Os poucos minutos (ou dias) cumpridos valerão por 7 dias; depois do Iom Kipur, cumprirá as observâncias de **Sheloshim** por 4 dias, até alguns minutos antes da entrada do Iom Tov *, pois os **Sheloshim** estarão encerrados.

Se já havia terminado a **Shivá**, os **Sheloshim** estarão encerrados algumas horas antes da entrada do Iom Kipur, quando poderá cortar o cabelo e barbear-se. *

Sucót - Os poucos minutos (ou dias) cumpridos valerão por 7 dias; com mais 7 dias de Sucót (= 14); com mais 7 dias de Shemini Atsérét (= 21); e com mais 1 dia de Simchat Torá (= 22), restarão 8 dias para completar os **Sheloshim**. *

Se já havia terminado a **Shivá**, os **Sheloshim** estarão encerrados alguns minutos antes da entrada do Iom Tov. *

Observações: Se, nos casos acima, o enlutado não cortou o cabelo ou barbeou-e na véspera do Iom Tov, não poderá fazê-lo no **Chol Hamoed** (dias intermediários de Pessach e Sucót), mas somente após o término de toda a Festa. A exceção fica para o caso em que o 7º dia venha a cair no Shabat e no domingo seja Iom Tov; como no Shabat não é permitido cortar o cabelo ou barbear-se, o enlutado poderá fazê-lo durante o **Chol Hamoed**.

Uma pessoa que veio a saber durante um Shabat, que caiu na véspera de um Iom Tov, que há exatos (ou menos de) 30 dias faleceu um dos 7 parentes pelos quais deve observar as leis de luto, como as observâncias de caráter íntimo de luto passaram a vigorar sobre ele, o Iom Tov interromperá e anulará a **Shivá**.

Em todos os casos em que uma Festa interrompeu ou reduziu a **Shivá** ou os **Sheloshim**, a visita ao cemitério que se faz nessas ocasiões deverá ser feita tão logo seja permitido visitar o cemitério, mesmo que não se passaram 7 ou 30 dias do enterro.

A vela que costuma-se manter acesa por 7 dias em memória do falecido deverá arder por 7 dias efetivos, mesmo que a **Shivá** tenha sido interrompida.

בלע המות לנצח
ומחה ה' אלקים דמעה מעל כל פנים.

[illegible]

PUBLICAÇÕES DA EDITORA SÊFER

SIDUR COMPLETO

Jairo Fridlin

MACHZOR COMPLETO

Jairo e Vitor Fridlin

HAGADÁ DE PÊSSACH

Jairo Fridlin e Ruben Rosenberg

SIDURZINHO

Jairo Fridlin e Ivo Minkovicius

BÍBLIA HEBRAICA

David Gorodovits e Jairo Fridlin

TORÁ - A LEI DE MOISÉS

Meir Matzliah Melamed

REFLEXÕES SOBRE A TORÁ

Moshe Grylak

SALMOS

Vitor Fridlin, David Gorodovits

e Jairo Fridlin

OS PORQUÊS DA TORÁ

Alfred J. Kolatch

MULHERES DA BÍBLIA

Shelomo Aviner

A ÉTICA DO SINAI

Irving M. Bunim

INICIAÇÃO AO TALMUD

Auro del Giglio

A FILOSOFIA DO TALMUD

Samuel Belkin

MANUAL DE CONVERSAÇÃO

EM HEBRAICO

Nira Trumper

DICIONÁRIO PORTUGUÊS-

HEBRAICO-PORTUGUÊS

Abraham e Shoshana Hatzamri

HEBRAICO FÁCIL

Prolog/Sêfer

AS 3 DIMENSÕES DA KABALÁ

Chaim David Zuckerwar

SEFER IETSIRÁ

Comentado por Aryeh Kaplan

IMORTALIDADE,

RESSURREIÇÃO

E A IDADE DO UNIVERSO

Aryeh Kaplan

MEDITAÇÃO E CABALÁ

Aryeh Kaplan

TAMAREIRA DE DEVORÁ

Moshe Cordovero

BEM-VINDO AO JUDAÍSMO

Maurice Lamm

UMA LETRA DA TORÁ

Jonathan Sacks

BATE-PAPO

Nechemia Coopersmith

ESTE É O MEU DEUS

Herman Wouk

ALÉM DO ESPELHO

Gila Manolson

O QUE É CASHRUT?

E. Birnbaum/S. Rosenberg

JUDAÍSMO PARA O SÉCULO 21

Aryeh Carmell

O MAIS COMPLETO GUIA

SOBRE JUDAÍSMO

Benjamin Blech

SE DEUS É BOM, PORQUE O

MUNDO É TÃO RUIM?

Benjamin Blech

MEDICINA, JUDAÍSMO

E HUMANISMO

Auro del Giglio

O CAMINHO DOS JUSTOS

Moshe Chayim Luzzatto

19 CARTAS SOBRE JUDAÍSMO

Shimshon Raphael Hirsch

OS DEVERES DO CORAÇÃO

Bachia ibn Pacuda

O GUIA DOS PERPLEXOS

Maimônides

O CUZARÍ

Iehudá Halevi

A PSICOLOGIA DOS JUSTOS

Autor Anônimo

EM BUSCA DA VERDADE

Eliyahu E. Dessler

CONSELHOS

EXTRAORDINÁRIOS

Eliezer Papo

Livraria Virtual:

www.sefer.com.br

Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo

CHEVRA KADISHA

Rua Prates, 435 - CEP 01121-000 - São Paulo - SP - Brasil

Telefones: 3329-7070 e 3228-9166 Fax : 3229-1281

Plantão Permanente (Prof. Abrão): 7854-6312

ou pelo BIP 5572-8281 código A-01

Organização,

compilação e edição:

Digitação eletrônica:

Impressão a laser:

Arte final:

Fotolitos :

Impressão:

Jairo Fridlin

Edith N. Wertzner

Eliana Merlino

Tom Artes Gráficas

Edson Del Nero Rosa

Nório Suzuki

LCT

HR Gráfica e Editora

Os textos das rezas deste livro foram extraídos do

SIDUR COMPLETO

com Tradução e Transliteração

de Jairo Fridlin

publicado pela Editora e Livraria Sêfer

Copyright © 1993, 2006 by Jairo Fridlin

Os direitos deste trabalho, no que concerne à sua reprodução parcial ou total, estão reservados exclusivamente ao autor.

ISBN 85-85583-67-3



Produção:

Editora e Livraria Sêfer Ltda.

Alameda Barros, 893

01232-001 São Paulo SP Brasil

tel. 3826-1366 fax 3826-4508

www.sefer.com.br

Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo

Rua Prates, 435 — São Paulo — 01121-000

Tels.: 3329-7070 / 3228-9166 Fax: 3329-7070 r. 212 ou 3229-1281

www.chevrakadisha.org.br — diretoria@chevrakadisha.org.br